

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

**SATISFAÇÃO DOS ALUNOS DOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS
AO ENSINO MÉDIO NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS:
CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA POSITIVA**

SAIONARA ROSA DA CRUZ

2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**SATISFAÇÃO DOS ALUNOS DOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS
AO ENSINO MÉDIO NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS:
CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA POSITIVA**

SAIONARA ROSA DA CRUZ

Sob a Orientação da Professora
Dra. Sílvia Maria Melo Gonçalves

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção de grau **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, área de concentração: Educação e Gestão no Ensino Agrícola.

Setembro de 2015
Seropédica, RJ

370.15

C957s

T

Cruz, Saionara Rosa da, 1969-

Satisfação dos alunos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio nas relações interpessoais: contribuições da psicologia positiva / Saionara Rosa da Cruz. - 2015.

71 f.: il.

Orientador: Sílvia Maria Melo Gonçalves.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola, 2015.
Bibliografia: f. 52-58.

1. Estudantes - Psicologia - Teses. 2. Satisfação - Teses. 3. Relações humanas - Teses. 4. Psicologia positiva - Teses. 5. Ensino agrícola - Teses. I. Gonçalves, Sílvia Maria Melo, 1950- II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

SAIONARA ROSA DA CRUZ

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 10/09/2015.



Silvia Maria Melo Gonçalves, Profa. Dra. UFRRJ



Allan Rocha Damasceno, Profa. Dra. UFRRJ



Fátima Niemeyer da Rocha, Profa. Dra. Univ. Secerino Sombra

DEDICATÓRIA

*A Deus em primeiro lugar por me permitir esta conquista.
À minha filha Laísa e ao meu filho Rodrigo pelo amor,
Pois sempre me fortalecem com seu carinho e energia
E pela compreensão dos sacrifícios do convívio familiar
Impostos pela construção da dissertação.
Estiveram sempre compreensivas as ausências
E presentes nos momentos mais difíceis.
A todas as pessoas que sempre me incentivaram
E apoiaram nos momentos difíceis e acreditaram em minha determinação.*

*“A lei da mente é implacável.
O que você pensa, você cria;
O que você sente, você atrai;
O que você acredita,
Torna-se realidade. ”*

Buda

AGRADECIMENTOS

Com enorme emoção que primeiramente agradeço a Deus pela oportunidade de Estar vivenciando todo esse aprendizado. Pela luz que ilumina meus passos, minha Caminhada e expande a minha consciência.

À Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em nome de seus Coordenadores agradeço o Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA) e todos os seus servidores que tanto nos auxiliaram.

Ao Instituto Federal de Fluminense (IFF), que por sua vez Conseguiu essa parceria junto a UFRRJ, assim tornando Possível esse mestrado.

Agradeço especialmente à minha amiga e orientadora, Dra. Silvia Maria Melo Gonçalves. Esta conquista tem a sua cara. Obrigada por todo o aprendizado, todo o incentivo e, Principalmente, obrigada por sua amizade. Você é muito especial para mim. Aos colegas da turma 2013.2, pela amizade, convivência e compartilhamento das atividades que ficaram na memória.

A minha querida mãe e meu querido pai pela força que sempre me deram. Agradeço aos adolescentes que participaram desta pesquisa, que prontamente aceitaram o meu convite, pois sem vocês este trabalho não existiria. Obrigada! Enfim, a todos que de certa forma contribuíram para que eu estivesse aqui hoje, Podendo rememorar meus agradecimentos a todos.

Em especial, agradeço a minha amiga, companheira em todos os momentos que vivi durante estes dois anos de estudo.

E a todas as pessoas, familiares que, de uma forma ou de outra, contribuíram para realização desse trabalho

RESUMO

CRUZ, S.R. **Satisfação dos Alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio nas Relações Interpessoais: Contribuições da Psicologia Positiva.** 2015. 71f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, 2015.

Estapesquisa ocorreu no Instituto Federal Fluminense –*campus* Bom Jesus do Itabapoana e teve como objetivo investigar a satisfação dos alunos nas relações interpessoais, dentro do *campus*, a partir das contribuições da Psicologia Positiva. As preocupações existentes no ensino técnico profissional agrícola com a finalidade de amenizar o distanciamento entre a teoria e a prática e entre as realidades da escola e as do mundo do trabalho vêm alcançando destaques entre os profissionais de ensino que atuam nas escolas técnicas agrícolas brasileiras. A escola precisa ser dinâmica, atraente e estar preparada para formar cidadãos criativos e críticos dispostos a assumir desafios. Além disto, o espaço escolar é palco e constrói algo muito valioso: as relações. A Psicologia Positiva volta-se para as emoções positivas, virtudes e forças pessoais, tornando-se uma ciência que se ocupa com as características individuais, com as instituições positivas, e com a experiência positiva dos seres humanos, priorizando seus aspectos funcionais. Como consequência, melhoram-se as relações de amizade, a saúde física, o amor e a realização pessoal, pois, quando estamos felizes, pensamos menos em nós mesmos e passamos a olhar o outro e partilhamos aquilo que temos de melhor. A fundamentação teórica baseou-se em pesquisadores sobre Psicologia Positiva. A pesquisa foi de abordagem qualitativa na medida em que busca a subjetividade nas respostas dos participantes. A metodologia contou com 60 alunos, de ambos os sexos, faixa etária entre 15 e 18 anos, das 2ª e 3ª séries dos Cursos Técnicos Integrados. O instrumento utilizado foi um questionário com perguntas abertas. As respostas foram categorizadas de acordo com a análise de conteúdo de Bardin. Foram resguardados todos os princípios éticos de pesquisa com seres humanos. Dos alunos pesquisados, 47,00 % mostraram satisfeito, enquanto 33,00% afirmaram que não estão satisfeitos com as relações interpessoais dentro do *campus*, e que precisam melhorar. Outras respostas apontaram que as atividades de lazer ativo geram satisfação, num total de 45,90%, corroborando com a literatura, que aponta que estas ocupações são prazerosas, facilitam atingir o *flow*. O resultado teve significação prática para aplicação de estratégias interventivas que possam utilizar as experiências positivas, como recurso para a melhoria das relações dentro do *campuse* garantia de avanços na qualidade de vida pessoal e profissional da comunidade escolar.

Palavras chave: Satisfação, Relações Interpessoais, Psicologia Positiva, *Flow*.

ABSTRACT

CRUZ, S. R. **Satisfaction Student Course Integrated Technical High School in the Interpersonal Relations: Contributions of Positive Psychology**. 2015 71f. Thesis (MS in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Rural Federal University of Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, in 2015.

This research took place in the Federal Fluminense Institute - *campus* Bom Jesus do Itabapoana and aimed to investigate the satisfaction of students in interpersonal relationships within the *campus*, from the contributions of Positive Psychology. The existing concerns in the agricultural vocational technical education in order to alleviate the gap between theory and practice and between the school and the realities of the working life have achieved highlights among education professionals working in Brazilian's technical education farming schools. The school needs to be dynamic, flexible and attractive. It also must be prepared to form creative and critical citizens who are willing to take challenges. The school should be well structured too and perform functions that meet the needs of their students. And in addition to these features, the school is an area where something very valuable is built: relationships. The Positive Psychology turns itself to the positive emotions, virtues and personal strengths to become a science that deals with the individual characteristics with the positive institutions, and the positive experience of human beings, prioritizing its functional aspects. Thus, improve the relations of friendship, physical health, love and personal fulfilment, because when we are happy we think less of ourselves and start to look each other and share what we have to offer. The theoretical framework was based on researchers on Positive Psychology. The research had a qualitative approach seeking subjectivity in the responses of the participants. The methodology included 60 students, of both sexes, aged between 15 and 18, from 2nd and 3rd year of the Technical Integrated Education. The instrument was a questionnaire with open questions. Responses were categorized according to Bardin's content analysis. All ethical principles of human research were respected during this research. From the students surveyed, 47.00 % showed satisfaction while 33.00% said they are not satisfied with the interpersonal relationships within the *campus*, and they need to improve. Other responses indicated that the active leisure activities generate satisfaction, totaling 45.90%, supporting the literature which suggests that these occupations are pleasurable, facilitate reaching the *flow*. The result had practical significance for application of interventional strategies that could use the positive experiences as a resource for improving relations on *campus* and to guarantee the improvement of personal and professional life of the whole school community.

Key words: Satisfaction, Interpersonal Relations, Positive Psychology, *Flow*.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CRUTAC- Centro Rural Universitário de treinamento e ação comunitária
CTAIBB- Colégio Técnico Agrícola Ildefonso Bastos Borges
EAD- Educação à Distância
ECA- Estatuto da Criança e Adolescente
FIC- Formação Inicial e Continuada
IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH- Índice de Desenvolvimento Humano
IFET- Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia
IFF- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense
LDB- Lei de Diretrizes e Bases
MEC- Ministério de Educação
ONU- Organização das Nações Unidas
PDI- Plano de Desenvolvimento Institucional
PNUD- Programa das Nações Unidas para desenvolvimento
PROEJA- Programa de Educação de Jovens e Adultos
SETEC- Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
UFRRJ- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Você tem amigos no <i>campus</i> ?.....	32
Tabela 2 - “ Como você fez suas amizades no <i>campus</i> ? ”	33
Tabela 3 - “ O que vocês costumam fazer no <i>campus</i> ? ”	34
Tabela 4 - “O que vocês fazem fora do <i>campus</i> ? ”	36
Tabela 5 - Justificativas: Por quê?	38
Tabela 6 - “ O que traz mais satisfação para você dentro do <i>campus</i> ? Por quê ”.....	44
Tabela 7 - Justificativas.....	46
Tabela 8 - “Se você acha que precisa melhorar, que sugestões você aponta? ”	47

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição de respostas da pergunta “ Vocês são amigos fora do <i>campus</i> ? ”	36
Gráfico 2 - Distribuição das respostas da pergunta	37
Gráfico 3 - Distribuição das respostas da pergunta “Você e seus amigos brigam? Por quê? ”	38
Gráfico 4 - Distribuição das respostas da pergunta:	39
Gráfico 5 - Distribuição das respostas da pergunta	40
Gráfico 6 - Distribuição das respostas da pergunta	41
Gráfico 7 - Distribuição das respostas da pergunta	43
Gráfico 8 - Distribuição das respostas da pergunta	44
Gráfico 9 - Distribuição das respostas da pergunta	46

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: IFF- <i>campus</i> Bom Jesus até 2008	6
Figura 2: IFF- <i>campus</i> Bom Jesus/ Vista aérea	6
Figura 3: IFF- <i>campus</i> Bom Jesus/ Porteira de Entrada- principal.....	9

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVOS	4
2.1. - Objetivo Geral:	4
2.2. - Objetivos Específicos:	4
3. BREVE HISTÓRICO DO IFFLUMINENSE, NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS DO ITABAPOANA	5
4. ADOLESCÊNCIA	10
4.1. - Breve histórico	10
4.2. - Mudanças que ocorrem na adolescência.....	12
4.3. - O adolescente e seus pares	15
4.4. - O adolescente e a escola	17
4.5. - O adolescente e família.....	18
5. CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA POSITIVA	20
6. RELAÇÕES INTERPESSOAIS: IMPORTÂNCIA PARA A SATISFAÇÃO NA CONVIVÊNCIA DOS ALUNOS	27
7. MÉTODO	30
7.1. - Participantes	30
7.2. - Instrumentos e Análise dos Dados	30
7.3. - Procedimentos	31
8. RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÃO	49
10. - REFERÊNCIAS	52
11. - ANEXOS	59
A	60
B.....	61
C.....	62
D	63
E.....	64
F.....	65
G	68
H	69
I.....	70
J.....	71

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense – *campus* Bom Jesus do Itabapoana (IFF), que está localizado na região do Noroeste Fluminense do município de Bom Jesus do Itabapoana, com distância de 3 km do centro da cidade. Foi criado em 09 de abril de 1970, pela Decisão nº 45/70, do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, como “Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC)”, com o objetivo de interiorizar as atividades de extensão da Universidade, com capacidade para 100 alunos e atividade fim de educar e ofertar curso profissionalizante de nível secundário às comunidades circunvizinhas e demais estudantes que migravam de várias localidades do Estado, buscando aprimorar o conhecimento prático à teoria, visando à qualificação profissional.

Pela trajetória de um período de vinte e seis anos trabalhando com Educação, tive a oportunidade de exercer vários tipos de atividades como regente em escola multisseriadas da zona rural deste município, por três anos, quando surgiu, em 1990, um concurso de remoção, e vim trabalhar na zona urbana. Pude refletir sobre as diferentes formas em que os estudantes se relacionam com os professores. Anos depois, passei a atuar nas áreas administrativas de ensino da Rede Pública Municipal, onde fui diretora de escola por 8 anos consecutivos, que me permitiram vivenciar as dificuldades por que passam todos os atores pertencentes ao corpo docente, discente e administrativo de uma escola quanto às relações interpessoais.

Algumas experiências vividas no decorrer destes anos serviram de base para que eu pudesse aprofundar minhas reflexões quanto às relações interpessoais presentes em todo espaço acadêmico.

Feitas estas considerações, surgiu o interesse em desenvolver esta pesquisa a partir do momento que realizei o Serviço de Orientadora Educacional no *campus* Bom Jesus, a partir de março de 2006, onde atuei com os alunos e professores dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio. Várias foram as funções que exerci dentro do *campus*, estando sempre em contato tanto com discentes quanto com docentes. Estas funções contribuíram positivamente para minha experiência profissional. Tive oportunidade de dialogar com muitos discentes, docentes e equipe gestora, onde percebi algumas situações preocupantes, na qual hoje, na condição de pesquisadora, tenho plena certeza de estar contribuindo de alguma maneira para melhoria das relações interpessoais desse *campus*.

Desse modo, sinto o dever e a necessidade de trazer contribuições, por meio da pesquisa científica, para a instituição que sempre me oportunizou trabalhar com este público, bem como para a sociedade como um todo, sendo esse meu grande interesse em ter pesquisado no Instituto Federal Fluminense- *campus* Bom Jesus do Itabapoana.

As preocupações existentes no ensino técnico profissional agrícola com a finalidade de amenizar o distanciamento entre a teoria e a prática e entre as realidades da escola e as do mundo do trabalho vêm alcançando destaques entre os profissionais de ensino que atuam nas escolas técnicas agrícolas brasileiras. Contudo, essa problemática pode ser superada quando, no seu processo de formação, o aluno tem oportunidade de vivenciar, ainda na escola, os reais problemas que poderão ocorrer ao longo de sua vida.

Mais do que nunca, o processo de aprender escapa dos muros da escola, para se realizar nas inúmeras e variadas possibilidades de acesso ao conhecimento presente na prática social e produtiva. Desta forma, a escola precisa ser dinâmica, flexível e atraente. Precisa estar preparada para formar cidadãos criativos e críticos e que estejam dispostos a assumir desafios.

Diante deste fato, podemos entender que não mais cabe na educação uma onipotência

do educador e da escola, mas é preciso a construção, no interior da mesma, de uma prática pedagógica dialógica desenvolvida pelos agentes da educação – professor e aluno. E, assim, a escola passa a ser espaço de otimização dos processos de aprendizagem de construção do cidadão, sem o que ela está fadada a continuar reproduzindo os papéis definidos pelo antigo sistema.

Assim, a condição para que a escola sirva aos interesses populares é garantir a todos um bom ensino, isto é, a apropriação dos conteúdos escolares básicos, que tenham ressonância na vida dos alunos. Entendida nesse sentido, a educação é uma atividade mediadora no seio da prática social global, ou seja, uma das mediações pelas quais o aluno, pela intervenção do professor e por sua própria participação ativa, passa de uma experiência inicialmente confusa e fragmentada (sincrética) a uma visão sintética, mais organizada e unificada. E além dessas características, o espaço escolar é palco onde se constrói algo muito valioso; as relações. Estas dão sentido ao espaço a partir do momento em que se criam e se apresentam neste, das mais variadas maneiras.

O mundo globalizado está cada vez mais competitivo, exigindo de nossos Profissionais/Técnicos uma formação integral, em que os princípios éticos guiam as relações humanas, formando cidadãos conscientes, empreendedores e com competências e habilidades para a vida, mas o conhecimento ainda é passado de forma fragmentada, acentuada principalmente pela dicotomia entre teoria e prática.

Neste contexto, é importante que o aluno, na escola, possa vivenciar todos os problemas pertinentes à temática, no sentido de desenvolver concepções e senso crítico, que permitam exercer sua atividade técnica profissional. Para isso, é necessário que a escola se transforme em um espaço agradável para o aluno, um lugar de conhecimento construtivo, que aguce sua curiosidade e o premie com novas descobertas.

A instituição escola tem como função, entre outras, formar pessoas competentes, solidárias, responsáveis e que sonhem. Ajudar o estudante nessa dialética e na realização do seu sonho é uma das tarefas mais importantes, assim, como planejar para o ser humano enquanto unidade, individualidade, aquele que não se repete e desenvolve os ciclos de sua existência numa evolução absolutamente única e pessoal.

Ao planejar para o homem, não se pode ignorar o ser psíquico, sujeito do inconsciente. É preciso levar em conta que esse homem é um ser que tudo subverte, em tudo interfere, e sempre de acordo com seu desejo. Existe a necessidade premente de uma organização cada vez mais efetiva, diante da complexidade que mais e mais caracteriza a sociedade atual. Não se pode projetar sobre um plano liso, sem considerar que as vivências individuais deverão também determinar o andamento de qualquer processo. Numa escola, essa consciência é fundamental. Por isso, a questão dos valores deverá permear todo o trabalho.

O professor passa a ser o consultor, articulador, mediador, orientador, especialista, facilitador do processo de desenvolvimento do aluno. A criação de um nível de confiança, respeito às diferenças e reciprocidade, encoraja o aluno a rever seus conflitos e a descobrir a potencialidade de aprender a partir de seus erros. Da mesma forma, o professor não terá inibições em reconhecer seus próprios conflitos, erros e limitações e buscando eliminar através de uma parceria e humildade diante do conhecimento, que caracteriza a postura interdisciplinar e transdisciplinar, sendo a primeira, o nível em que a interação entre várias disciplinas ou setores heterogêneos de uma mesma ciência conduz a interações reais, a certa reciprocidade no intercâmbio levando a um enriquecimento mútuo; e a segunda, não só as interações ou reciprocidades entre projetos especializados de pesquisa, mas a colocação dessas relações dentro de um sistema total, sem quaisquer limites rígidos entre as disciplinas.

A partir das primeiras observações foram evidenciados problemas bem semelhantes aos que se apresentam em outras instituições de ensino. Esses problemas, com o passar do tempo,

estão aumentando a cada dia em grau de dificuldade e insatisfação quanto às relações interpessoais.

O discurso dos professores, através do assinalamento de problemas tais como dificuldades na relação professor-aluno, alunos malcomportados e indisciplinados, falta de motivação e desânimo dos professores, descontentamento com a questão financeira e frustração com a profissão, e nos confrontando com diversos pontos de outros, nos motivou a participar do processo de investigação.

Pensando nesses e em outros desafios que os alunos enfrentam é que nos propusemos a pesquisar a respeito dessa temática, vislumbrando sempre a melhoria da qualidade das relações interpessoais dos alunos e professores.

Perante o apresentado e percebendo que as relações interpessoais dos alunos andam desgastadas e podem contribuir para aumentar os casos de insatisfação, repetência e indisciplina, buscamos, nesta pesquisa, investigar quais são as satisfações e como elas podem contribuir nas relações interpessoais dos alunos dentro do *campus*.

Desse modo, objetivou-se, através desse trabalho, a compreensão da temática voltada à adolescência, numa perspectiva que o conduza ao histórico, mudanças ocorridas no período, o adolescente e seus pares, a escola e a família, observando todo o contexto do estudo. A partir dessa compreensão buscou-se o estudo da teoria da Psicologia Positiva e bem como a importância das relações interpessoais para convivência dos alunos.

Uma pesquisa que pudesse indicar pontos positivos e negativo e propusesse estratégias de melhorias na busca de uma perspectiva harmoniosa para tal situação; sempre compreendendo e proporcionando ao educando a oportunidade de se desenvolver de forma livre e participativa, enquanto agente de mudança e transformação da sua própria realidade, favorecendo assim o desenvolvimento, de maneira plena, humana e feliz.

2. OBJETIVOS

2.1. - Objetivo Geral:

- Investigar a satisfação dos alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio quanto às relações interpessoais.

2.2. - Objetivos Específicos:

- Verificar se os alunos do *campus* estão satisfeitos quanto às relações interpessoais com os demais alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio;
- Averiguar o nível de satisfação dos alunos quanto às relações interpessoais com os professores dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio;
- Verificar o nível de satisfação dos alunos quanto às relações interpessoais com os servidores do IFFluminense - *campus* Bom Jesus;
- Identificar o que traz satisfação aos alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio dentro do IFFluminense - *campus* Bom Jesus;
- Averiguar se os alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio apontam para sugestões para melhorar as relações interpessoais dentro do IFFluminense - *campus* Bom Jesus;

3. BREVE HISTÓRICO DO IFFLUMINENSE, NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS DO ITABAPOANA

Para fazer o breve histórico do Instituto Federal Fluminense - *campus* Bom Jesus do Itabapoana, é importante discorrermos acerca do histórico do *campus*, bem como a criação dos Institutos Federais, assim como o processo de desenvolvimento da Educação Agrícola em nosso país, prestando atenção especial aos avanços e retrocessos legais.

O Colégio Técnico Agrícola Ildefonso Bastos Borges (CTAIBB), iniciou suas atividades, autorizado pela Decisão nº 45/1970, do Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro, sendo, inicialmente, mantido pela Fundação Educacional de Bom Jesus, entidade sem fins lucrativos e que se mantinha com recursos financeiros da Prefeitura Municipal, oferecendo os Cursos Técnico em Agropecuária e Técnico em Economia Doméstica Rural.

Tão logo havia iniciado os cursos, a Fundação Educacional de Bom Jesus e a Prefeitura Municipal fizeram contatos com a Universidade Federal Fluminense (UFF) no sentido de firmarem um convênio que integrasse as atividades do CTAIBB aos programas da Universidade. A UFF assinou convênio com a Fundação Educacional de Bom Jesus e instalou junto ao CTAIBB a Unidade Avançada Duque de Caxias e o Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC) – com o objetivo de interiorizar as atividades de extensão da Universidade.

A Resolução nº 27/1976 do Conselho Universitário da UFF tornou o CTAIBB integrante da Faculdade de Educação do Centro de Estudos Sociais Aplicados. Com a publicação do Decreto nº 6.095, de 24/04/2007, que “estabelece diretrizes para o processo de integração de instituições federais de educação tecnológica para fins de constituição dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia – IFET, no âmbito da Rede Federal de Educação Tecnológica” e de acordo com a Chamada Pública MEC/SETEC nº 002/2007, de 12/12/2007, as instituições de educação profissional tiveram um prazo de 90 dias para inscrever, voluntariamente, propostas para integrar o novo modelo da Rede Federal de Educação Profissional, formado basicamente pela constituição dos Institutos Federais.

Após amplo debate, foi aprovada, através de consulta à comunidade (Técnico-administrativos e Docentes), no dia 01/03/2008, o interesse desta instituição de ensino se desvincular da Universidade Federal Fluminense e se vincular ao IFET Fluminense. A tramitação do processo nas Câmaras da UFF: Legislação e Normas, Orçamento e Finanças e Assuntos Administrativos, obteve parecer favorável, junto ao Conselho Universitário originou a Resolução nº 46, de 26/03/2008, aprovando o posicionamento da comunidade do CTAIBB pela adesão ao modelo de Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia e pelo encaminhamento do pleito à SETEC/MEC. Com a criação da Lei nº 11.892, de 29/12/2008, publicada no D.O.U. 30/12/2008, foi instituída a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica que criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, vinculando o CTAIBB ao IF Fluminense.

A seguir, fotos com vista aérea pertencentes ao Departamento Audiovisual do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense - *campus* Bom Jesus do Itabapoana.



Figura 1: IFF- *campus* Bom Jesus até 2008
Foto: Departamento Audiovisual, 20/03/2008



Figura 2: IFF- *campus* Bom Jesus/ Vista aérea
Foto: Departamento Audiovisual, 20/03/2012

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense- *campus* Bom Jesus do Itabapoana está situado à margem direita do Rio Itabapoana, tendo como coordenadas geográficas 21° 08' 09'' de latitude sul e 41° 40' 48'' longitude oeste, a uma altitude média de

118 metros, na fronteira com o estado do Espírito Santo, distando 2 km do centro da cidade de Bom Jesus do Itabapoana, em uma área de 484.000 m² de várzea e pequenas elevações.

O *campus* está inserido na região Noroeste Fluminense, tradicionalmente conhecida pelo seu atraso socioeconômico, segundo indicadores internacionais referentes ao IDH (ONU), Ministério da Integração Nacional (com dados estatísticos do IBGE e do PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) e levantamento realizado pela Prefeitura Municipal de Bom Jesus do Itabapoana (Secretaria de Agricultura). Tal situação reflete-se nos setores produtivos de nossa comunidade, justificando a existência deste *campus* como força propulsora no desenvolvimento do Setor Agropecuário da região, reconhecidamente obsoleto.

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, foram criados através da Lei 11.892/2008, constituindo um novo modelo de instituição, pluricurricular e multicampi, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica, nas diferentes modalidades de ensino. Estão presentes em todos os estados e visam responder de forma eficiente às demandas crescentes por formação profissional e por difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos.

Com um perfil eminentemente agropecuário, o *campus* Bom Jesus do Itabapoana sempre foi referência regional na qualificação da produção rural, atuando nos mais diversos ramos da produção animal e vegetal. O *campus* Bom Jesus do Itabapoana compreende que a região necessita de oferta de mão de obra diferenciada e diversificada que possa atender às novas demandas locais e nacionais, optando, assim, por avançar cada vez mais na oferta de cursos técnicos e de graduação que possam fazer frente a essa nova realidade, visando sempre a melhoria de vida da população e a diminuição do êxodo rural.

O IFFluminense - *campus* Bom Jesus do Itabapoana tem como missão educativa promover educação profissional visando à formação plena do cidadão como agente de desenvolvimento agropecuário, compatibilizando aspectos tecnológicos, humanísticos, ambientais, científicos, econômicos e sociais.

Como consta em seu Projeto de Desenvolvimento Institucional- PDI (2010-2014), o IFFluminense - *campus* Bom Jesus do Itabapoana prioriza, como seus objetivos educacionais, ministrar o ensino profissionalizante de nível técnico e o ensino médio destinado a uma formação integral do adolescente, promovendo: a transição entre o *campus* e o mundo do trabalho, capacitando jovens e adultos com conhecimentos e habilidades gerais e específicas para o exercício de atividades produtivas; a formação de profissionais aptos a exercerem atividades específicas no trabalho, com escolaridade correspondente aos níveis básico, técnico e tecnológico; a especialização, aperfeiçoamento e atualização do trabalhador em seus conhecimentos tecnológicos; a qualificação, profissionalização e atualização de jovens e adultos trabalhadores, com qualquer nível de escolaridade, visando a sua inserção e ao melhor desempenho no exercício do trabalho.

Além de cursos regulares, o *campus* funciona como centro de difusão tecnológica, alicerçando princípios de uma agricultura moderna, eficiente e produtiva, desenvolvendo programa de educação agrícola que atende as necessidades da comunidade além de formar profissionais competentes, com espírito empreendedor, capazes de promover mudanças e inovações fundamentadas na visão multidisciplinar e no conhecimento técnico, capazes de cada vez mais qualificar a área agroindustrial e da tecnologia da informação contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico do município e da região.

Os cursos oferecidos no IFFluminense - *campus* Bom Jesus do Itabapoana são:

- Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio
- Técnico em Agropecuária- Concomitante
- Técnico em Agroindústria Integrado ao Ensino Médio
- Técnico em Agroindústria- Concomitante

- Técnico em Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio
- Técnico em Meio Ambiente- Concomitante
- Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio
- Técnico em Informática- Concomitante
- Técnico em Química Integrado ao Ensino Médio
- Técnico em Química- Concomitante
- Técnico em Segurança do Trabalho- Subsequente- EAD
- Técnico em Eventos- Subsequente- EAD
- Técnico em Multimeios Didáticos- Subsequente- EAD
- Técnico em Administração- Subsequente
- Técnico em Manutenção e Suporte em Informática- Subsequente
- Curso Superior em Ciência e Tecnologia de Alimentos- Bacharel
- Curso de Pós-Graduação Especialização em PROEJA- EAD
- Cursos FICs

O campo de atuação profissional dos egressos que o IFF- *campus*Bom Jesus do Itabapoana são nos mais diversos ramos da produção animal, vegetal, meio ambiente e o da tecnologia da informação.

Compreende-se que a região necessita de oferta de mão de obra diferenciada e diversificada que possa atender às novas demandas locais e nacionais, optando, assim, por avançar cada vez mais na oferta de cursos técnicos e de graduação que possam fazer frente a essa nova realidade, visando sempre a melhoria de vida da população e a diminuição do êxodo rural. Portanto, viabilizar a capacitação de recursos humanos que possa produzir, analisar e projetar conhecimentos e informações que se relacionem com as áreas estudadas; fornecer subsídios educacionais para que o técnico possa pensar e fazer, obtendo as melhores condições de acompanhar o desenvolvimento nesta área produtiva, observando as tendências de mercado; oportunizar diversidade de formação que permita maior empregabilidade e concorrer para o desenvolvimento específico desta região é a missão deste *campus*.

A infraestrutura do IFFluminense - *campus*Bom Jesus do Itabapoana abrange uma área total de 484.000 m². Os ambientes pedagógicos utilizados pelos discentes e docentes no *campus*são distribuídos em: salas de aula climatizadas e com recursos audiovisuais; biblioteca com salas de estudos; laboratórios de informática aplicada; laboratório de análise de solos, laboratórios de físico-química; laboratório de microbiologia; laboratório de química; laboratório de entomologia, sala de aula para mecanização agrícola, irrigação e drenagem; laboratórios educativos nas unidades de produção sala de xerox, micro dromo entre outros

Outros ambientes construídos e que também atendem à comunidade educativa do *campus* são: setor de esportes, setores administrativos, posto de vendas, unidade de saúde (com médico, enfermeiro e dentista); área de lazer e alojamento para alunos.

Sendo assim, além do ensino inicial na área técnica, em consonância com as ações pedagógicas potencializadoras da verticalização do ensino, presentes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e em documentos de base da criação dos Institutos, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense – *campus* Bom Jesus do Itabapoana, pretende, através da verticalização, possibilitar ao educando a continuidade de seus estudos e uma inserção qualificada no âmbito profissional.



Figura 3: IFF- *campus* Bom Jesus/ Porteira de Entrada- principal
Foto: Autoria própria, 27/04/2015

É necessário considerar, também, que os alunos dos Cursos Técnicos Integrados do IF Fluminense são adolescentes e, de acordo com Erikson (1987, p.127), trata-se de uma fase peculiar e muito conflitiva da vida. Esse autor situa a adolescência como fundamental no percurso do desenvolvimento humano, pois é nessa fase que o indivíduo desenvolve os pré-requisitos de crescimento fisiológico, maturidade mental e responsabilidade social que o preparam para experimentar e ultrapassar a crise de identidade. Vejamos a seguir o que alguns autores têm para nos falar.

4. ADOLESCÊNCIA

As preocupações em compreender o adolescente, seus sentimentos, suas relações, seus anseios, suas possibilidades, presentes e futuras, enfim seu ser e estar no mundo, há muito vem sendo alvo de interesse de pesquisadores e educadores. Esse interesse se manifesta ao longo do tempo, desde as especulações filosóficas de Aristóteles e textos literários que datam de antes de Cristo até o início do século XIX, que tinham o adolescente como tema ou personagem de romances, novelas, poesias, biografias, obras filosóficas e peças teatrais, até que estes se tornassem objeto de estudos científicos no final do século XIX.

Desde do advento do século XX, uma atenção especial tem sido dada à adolescência, um período de transição dotado de dilemas e problemáticas, ora visto como uma das melhores fases da vida humana, ela é sem dúvida um período ou um momento muito importante, onde o tornar-se adulto parece algo inevitável.

Em relação ao aspecto jurídico, a definição dada pelo artigo 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera como criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre 12 e 18 anos de idade incompletos.

Pesquisas realizadas pelo IBGE revelam que o Brasil possui, atualmente, uma população numerosa de adolescentes, pois 25 milhões de pessoas estão na faixa entre 12 e 18 anos, representando 15% da população (IBGE, 2004). A falta de perspectiva no mercado de trabalho e a desigualdade social atingem diretamente estes jovens. Em nossa sociedade, sustentada por uma cultura individualista e competitiva, os adolescentes passam anos entregues a si mesmos, com escassas possibilidades de viver construtivamente a sensação, recém-descoberta e experimentada, de pertencer à humanidade (BALEIRO e colaboradores, 1999). Isso para não falar daqueles adolescentes que nem mesmo chegam a experimentar essa sensação, por serem de fato excluídos e marginalizados.

A adolescência é uma fase evolutiva na vida do ser humano onde se busca uma nova forma de visão de si e do mundo; uma reedição de todo desenvolvimento infantil visando definir o caráter social, sexual, ideológico e vocacional.

4.1. - Breve histórico

“... uma transição entre outras, não sendo a única, nem a última.”
(PALÁCIOS, 1995, p. 272).

Buscando clarificar a compreensão, considera-se importante discorrer primeiramente sobre alguns conceitos e definições de adolescência.

Segundo Gonçalves (2006, p.60), “adolescência deriva de *adolescere*, uma palavra latina que significa crescer, desenvolver-se, compreende o período que se estende da terceira infância até a idade adulta, caracterizado psicologicamente por intensos processos conflituosos e persistentes esforços de autoafirmação”. Nesta época, serão fundamentais as relações estabelecidas e aquelas que se estabelecerão durante este período; em destaque a participação efetiva da família, sendo de fundamental importância. Dessa forma, atualmente, a adolescência é considerada uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, caracterizada por aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais (GIKOVATE, 1977; FIERRO, 1983; ABERASTURY, 1986; CAMPOS, 1986; DOLTO, 1986; OSORIO, 1992; OUTEIRAL, 1994; BECKER, 1994; PALACIOS, 1995; GOLDENSTEIN, 1996; KAPLAN, 1996; LEVI; SCHIMITT, 1996; DENARI, 1997; CASTRO, 1998), que levarão a criança a se tornar adulta, acrescida da capacidade de reprodução, conforme acrescenta Aberastury (1986) e Zagury (1996).

Segundo Muuss (1974, p.16), trata-se de uma “situação marginal” na medida em que haverá transformações comportamentais de acordo com a sociedade, passando da dependência infantil para a autossuficiência:

Sociologicamente adolescência é o período de transição da dependência infantil para a autossuficiência adulta. Psicologicamente, adolescência é uma “situação marginal” na qual novos ajustamentos, que distinguem o comportamento da criança do comportamento adulto em uma determinada sociedade tem que ser feitos. Cronologicamente, é o tempo que se estende dos doze ou treze até a casa dos vinte e um, vinte e dois com grandes variações individuais e culturais. Este período tende a ocorrer mais cedo para as moças do que para os rapazes, e terminar mais cedo em sociedade mais primitivas.

É, sem dúvida, um período de grandes mudanças, positivas ou negativas, com enorme repercussão na vida futura. Essas transformações, físicas ou psicológicas, serão responsáveis pela personalidade e pelo caráter do futuro adulto, mas, enquanto adolescente, são responsáveis pela ansiedade em relação às transformações que começam a acontecer, é a incerteza em relação ao desconhecido (GONÇALVES, 2006). Há que se ressaltar que o adolescente vivencia tal conquista como a irrupção de um novo papel, que modifica sua posição frente ao mundo e que também o influencia em outros planos de sua vida.

O fenômeno da adolescência pode ser analisado sob os mais variados prismas, na tentativa de se compreender melhor a dinâmica envolvida na mesma, pois faz-se necessário compreendê-la no âmbito de uma totalidade, pois não se pode compreendê-la estudando separadamente os aspectos biológicos, psicológicos, sociais ou culturais (OSÓRIO, 1992).

O termo adolescência tem conceito mais amplo do que o termo pubescência, apesar de ambos se referirem a aspectos da mesma etapa do desenvolvimento humano. Enquanto pubescência refere-se a aspectos puramente biológicos e fisiológicos associados à maturação sexual (MUUSS 1974), adolescência é um conceito de maior abrangência, pois se refere também às mudanças no comportamento e no status social. Aberastury e Knobel (1981; p. 13) apontam a complexidade pela qual o adolescente passa para “aceitar ser independente dentro de um limite necessário de dependência:

Entrar no mundo dos adultos – desejado e temido – significa para o adolescente a perda definitiva de sua condição de criança. É o momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento que começou com o nascimento. [...] neste período flutua entre uma dependência e uma independência extrema, e só a maturidade lhe permitirá, mais tarde, aceitar ser independente dentro de um limite necessário de dependência (ABERASTURY e KNOBEL, 1981, p. 13).

A adolescência se configura, então, como um período de experimentação de valores, de papéis sociais e de identidades e pela ambiguidade entre ser criança e ser adulto. O jovem está apto para a procriação, para a produção social e para o trabalho. Porém, a ambivalência da sociedade quanto à possibilidade de efetivação dessas aptidões faz com que ele adquira um *status* intermediário e provisório, e passe a ser tratado de forma ambivalente: como criança e como adulto (ABERASTURY 1981; ABRAMO, 1994).

Ao longo do século XIX, a adolescência passa a ser reconhecida como um “momento crítico” da existência humana. É temida como uma fase de riscos em potencial para o próprio indivíduo e para a sociedade como um todo. Em linhas gerais, parece que a ideia do que hoje chamamos adolescência, pressentida a partir do século XVIII (GROSSMAN, 1998), está associada às novas maneiras de viver no grupo social onde o indivíduo está inserido. Com a industrialização e a instituição de sistemas educacionais obrigatórios, ela pode, finalmente, ser mais observada. Pode-se, então, dizer que a adolescência foi conhecida primeiro pelos

educadores. De acordo com Ariès (1978), ainda no século XIX, a sociedade se tornou uma vasta população anônima, onde as pessoas já não se conheciam. Esse é um período marcado pelo fortalecimento dos Estados Nacionais, pela redefinição dos papéis sociais de mulheres e crianças, pelo avanço acelerado da industrialização e da técnica e pela organização dos trabalhadores.

Aberastury e Knobel (1981) ressaltam que as mudanças psicológicas e corporais que se produzem neste período levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. É como se ocorresse um corte com tudo o que até antes foi vivido, sendo o adolescente um estranho em um corpo que não é dele, vivendo um papel que ele não conhece e convivendo com pais que também lhe são estranhos. Desta forma, os referidos autores destacam a Síndrome Normal da Adolescência, marcada por uma série de características típicas da adolescência.

Sintetizando as características da adolescência, podemos descrever a seguinte sintomatologia que integraria esta síndrome: 1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características do pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, que vai do autoerotismo até o heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações de humor e do estado de ânimo. (p. 129).

Aberastury e Knobel (1981), ressaltam que ao se aceitar a anormalidade habitual do adolescente, vista desde o ângulo da personalidade idealmente sadia ou da personalidade normalmente adulta, permitirá uma aproximação mais produtiva a este período da vida. Este estado dito como "doentio" do adolescente pelo adulto seria algo extremamente normal e necessita ser compreendido, para que ambos (adolescente e adulto) possam se tornar mais próximos.

Para Ozzela (2002) a concepção vigente na psicologia sobre adolescência está fortemente ligada a estereótipos e estigmas. Para este autor, grande parte das teorias psicológicas, principalmente as baseadas em conceitos psicanalíticos, vê a adolescência sob a ótica da ideologia vigente, considerando-a como um fator universal e intrínseco à existência humana. Ainda, para o referido autor, a adolescência não é um período natural do desenvolvimento, mas um momento significativo e interpretado pelo homem.

Podemos perceber que, segundo este pensamento, a adolescência está muito mais ligada às questões materiais de existência desses jovens. A ideia de características intrínsecas ao estado de adolescência se torna ultrapassada, quando pensamos que são as condições de vida que determinarão as formas de adolescência se expressar e também as formas pelas quais será interpretada.

A adolescência refere-se, assim, ao período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista, gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico e da necessidade de justificar o distanciamento do trabalho de um determinado grupo social.

4.2. - Mudanças que ocorrem na adolescência

Segundo a teoria formulada por Erikson (1987), a teoria do estabelecimento da identidade do ego, a pubescência se caracteriza pelo rápido crescimento físico, maturidade genital e pela consciência sexual. Nesse período, o adolescente se depara com uma "revolução fisiológica" em seu interior que ameaça tanto sua imagem física quanto a identidade de seu

ego. Nesse período, para Muuss (1974), o adolescente se preocupa com a maneira pela qual os outros o percebem, contrastando com o que ele sente que é.

No contexto deste período, especialmente quando a autoimagem se transforma significativamente, quando a maturidade genital aguça a imaginação e quando a intimidade com o sexo oposto se constitui num desafio, o adolescente busca conforto e segurança em seu grupo de amigos, estereotipando a si mesmo, seus ideais e seus adversários. Seguindo esse raciocínio, é possível afirmar que uma identidade dominante e positiva do ego se estabelece durante a adolescência. Por este motivo, Erikson considera tão importante o estudo da identidade do ego, comparando-o à importância dos estudos da sexualidade desenvolvidos por Freud (ERIKSON, 1987).

Concebemos que essa é a fase mais importante na formação da identidade da pessoa, pois é nessa fase que se vivem alguns dos conflitos mais importantes da vida. É nessa fase que o corpo passa pelas maiores mudanças, o que altera o jeito de agir e de pensar do adolescente. Nesse sentido, Zagury (2010) também aponta a importância das transformações que o adolescente sofre:

A adolescência caracteriza-se por ser a fase de transição entre a infância e a juventude. É uma etapa extremamente importante no desenvolvimento, com características muito próprias. Há um desenvolvimento físico muito grande, com fortes transformações internas e externas. Também as mudanças nos campos intelectual e afetivo são marcantes (p.81).

Importa considerar, ainda, que, para o adolescente, a identidade está subordinada à sexualidade. Além disso, o estabelecimento e restabelecimento da identidade com a experiência anterior é para o adolescente, segundo Muuss (1974), uma tentativa consciente de transformar o futuro em parte integrante de seu plano de vida. Sendo assim, o desenvolvimento posterior do ego sofrerá prejuízos se a identidade do ego não for estabelecida nesta fase da vida humana de maneira, no mínimo, satisfatória, pois estará sempre à mercê do perigo da difusão de papéis. Por outro lado, quando o desenvolvimento posterior do ego do adolescente se baseia numa forte dúvida anterior, em relação à própria identidade sexual, os incidentes de delinquência ou incidentes psicóticos encontram terreno fértil para se desenvolverem.

Para Erikson (1971), o indivíduo só começa a atingir a maturidade quando se estabelece a identidade. Quando o indivíduo pode se manter por si mesmo e independe exclusivamente do apoio emocional de outras pessoas, quando não duvida mais de sua própria identidade. O autor compreende que apenas o desenvolvimento gradual do senso de identidade, fundamentado numa experiência de “sanidade social e solidariedade cultural” possibilita um equilíbrio ao indivíduo. Assim, a adolescência se refere ao encontro de situações sociais com a transformação da energia psíquica que demanda do sujeito um posicionamento frente aos diferentes conflitos.

De acordo com a importância fundamental da adolescência para uma vida adulta emocionalmente saudável, Aberastury (1983) a considera como a etapa mais importante do desenvolvimento humano, quando os indivíduos abandonam a infância e buscam um lugar no mundo:

Pode-se dizer que a adolescência é um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento. Este processo atravessa três momentos fundamentais: o primeiro é o nascimento; o segundo surge no final do primeiro ano com a eclosão da genitalidade, a dentição, a linguagem, a posição de pé e marcha; o terceiro aparece a adolescência (ABERASTURY, 1983, p. 15).

De acordo com Gonçalves (2006), a adolescência descortina horizontes desconhecidos, expondo os jovens a inúmeras incertezas: afirmação de si, escolha de uma orientação profissional, descoberta de sexualidade etc. É uma reedição de todo desenvolvimento infantil visando definir o caráter social, sexual, ideológico e vocacional.

Para Csikszentmihalyi e Schmidt, em 1998 (citados por Santrock, 2003), a adolescência deveria ser a época da vida com mais momentos de felicidade, já que os aspectos físicos e psicológicos estão no ápice de suas funções, além da capacidade de dissipar emoções negativas na metade do tempo em que os adultos o fazem. Gonçalves (2006) acrescenta que não é realmente isso que acontece com os jovens.

A explicação apresentada por estes autores acima citados, através do estudo que realizaram sobre estresse e resiliência, mediante uma abordagem evolucionista, é que apesar de os seres humanos serem programados para agir da puberdade até o início da vida adulta visando a uma adaptação saudável e proporcionando bem-estar, as mudanças culturais nos últimos dois mil anos, não mais asseguram a expressão dessas características, nem tampouco garantem um ajustamento que proporcione felicidade aos jovens. É por esse motivo que os adolescentes experimentam ansiedade e estresse. Vivenciando uma transformação assaz peculiar, os adolescentes se dividem entre a atitude de desafio ao olhar do mundo dos adultos e a dificuldade de abandonar a infância.

Aberastury (1981), Erikson (1987) e Márcia (1991), dentre outros autores, apontam que a adolescência é descrita como uma época de crise na medida em que jovens quase nunca se identificam com seus pais, ao contrário, rebelam-se contra seus valores e suas opiniões em sua vida particular. Essa confusão poderá trazer sentimentos de angústia e isolamento, fazendo com que o adolescente se sinta vazio, indeciso e ansioso. Neste sentido, o comportamento do adolescente, especialmente com a família e com os grupos sociais, poderá ser confundido com um quadro patológico, manifestando-se através de atitudes e ideias contraditórias, confusas, ambivalentes, dolorosas e atrativas. Nessa fase, o adolescente apresenta-se como diferentes personagens, numa combinação instável de vários corpos e identidades.

Aberastury e Knobel (1981) acreditam que diante das intensas transformações na adolescência há um processo e um desenvolvimento no contexto da realidade exterior, conforme disposto abaixo:

O adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas de acordo com o que conhecemos dele. Em nosso meio cultural, mostra-nos períodos de elação, introversão, alternando com audácia, timidez, descoordenação, urgência, desinteresse ou apatia, que se sucedem ou são concomitantes com conflitos afetivos, crises religiosas nas quais podem oscilar do ateísmo anárquico ao misticismo fervoroso, intelectualizações e postulações filosóficas, ascetismo, condutas sexuais dirigidas para o heteroerotismo e até para a homossexualidade ocasional (ABERASTURY; KNOBEL, 1981, p.28).

Knobel (1990) estabelece as características da adolescência por meio de expressões de conduta, que, agrupadas, o autor chama de *síndrome da adolescência normal*. Ainda, de acordo com o referido autor, esses sintomas da adolescência interagem-se permitindo o alcance da idade adulta. Essas características da identidade do adolescente permitem-lhe obter a idade adulta, como um novo período evolutivo. Não considera dizer que o adolescente busca ter uma identidade, mas que já tem uma, a identidade adolescente, que é aquela que lhe vai permitir prosseguir seu ciclo de desenvolvimento.

Para Erikson (1976), o adolescente, ao se preocuparem encontrar seu papel na sociedade, provoca uma confusão de identidade. Preocupa-se muito com a opinião alheia modificando, assim, o tempo todo, suas atitudes, remodelando sua personalidade muito rápido

de acordo com suas transformações físicas. Durante esta confusão de identidade, segundo a teoria Eriksoniana, o adolescente sente-se vazio, isolado, ansioso, incapaz de se encaixar no mundo adulto, levando-o, às vezes, à regressão.

Porém, a confusão de identidade pode ter um bom desfecho: em meio à crise, quanto melhor o adolescente tiver resolvido suas crises anteriores, mais possibilidade terá em alcançar a *estabilização* da identidade. Quando essa identidade estiver firme, ele será capaz de *ser estável* com os outros, conquistando, segundo Erikson (1976), a lealdade e a fidelidade consigo mesmo, com seus propósitos, conquistando o *senso de identidade contínua*.

Outro autor expressivo na Psicologia, Harry Stack Sullivan (1953), destaca-se por ser o primeiro teórico a escrever uma teoria sobre a adolescência, apontando as necessidades interpessoais como elemento primordial no desenvolvimento humano. Iniciam-se, ainda, nos primeiros momentos da vida a segurança e o apoio emocional. Segundo esse autor, essa é a diferença do ser humano com relação a outras espécies. Quando o ser humano atinge essas necessidades, possibilita-o a ser inserido na civilização.

De modo geral, considera-se que a adolescência termina quando o indivíduo se torna independente da tutela dos pais, mostrando-se capaz de assumir os papéis reconhecidos como próprios dos adultos.

É importante ressaltar que todas essas mudanças ocorridas durante a fase da adolescência também estão relacionadas às relações sociais e interpessoais vividas pelo indivíduo, incluindo a escola como instituição presente durante esse processo.

4.3. - O adolescente e seus pares

Como já apontamos, adolescência é uma fase caracterizada pela busca de identidade e autonomia. Os jovens distanciam-se dos pais e partilham as suas experiências com os pares. Os amigos estão a passar por uma fase idêntica, por isso existe maior abertura para a partilha e compreensão. Porém, os pais não deixam de ser importantes na vida dos adolescentes, mas têm um papel diferenciado, não estão a vivenciar as mesmas experiências, por isso são os amigos que cumprem o papel de maior proximidade, troca e partilha de sentimentos e experiências essenciais para o bem-estar dos adolescentes.

A literatura não questiona o importante papel desempenhado pelos pares no desenvolvimento dos adolescentes. No entanto, os amigos ainda são muitas vezes associados ao envolvimento em comportamentos de risco que põem em causa a saúde e bem-estar dos jovens. A influência do grupo de pares surge como uma influência contrária à opção dos adolescentes por um estilo de vida saudável, que aumenta os sentimentos de bem-estar subjetivo, satisfação com a vida e felicidade.

Diante disso, o adolescente necessita encaixar-se em algum papel na sociedade, na família, na sua relação com os pares, no futuro profissional e, ao se preocupar com estas questões, o adolescente provoca uma confusão de identidade. Preocupa-se demais com a opinião das outras pessoas, modificando suas atitudes constantemente (ERICKSON, 1987).

Autores como Dayrell (2007), Lepre (2008), (Gomes e Junior) (2007) entre outros, ressaltam que a vivência de amizade pode ser tanto uma forma de reafirmar a identidade, quanto possibilidade de questionamento de pontos de vista apresentados e entendidos como verdades pelos adolescentes, até então. Gomes e Junior (2007) afirmam que a amizade possibilita enxergar os acontecimentos de diferentes perspectivas, através de trocas que contribuem para aprendizagem.

Dayrell (2007, p.111), em seus achados, destaca que a sociabilidade para os adolescentes expressa uma dinâmica de relações, com as diferentes gradações que definem aqueles que são os mais próximos (“os amigos do peito”) e aqueles mais distantes (“a colegagem”), bem como o movimento constante de aproximações e afastamentos, numa

mobilidade entre diferentes turmas ou galeras.

Gonçalves (2006) ressalta que normalmente os jovens sentem-se mais motivados e felizes quando estão com os amigos, independentemente das tarefas que estejam desenvolvendo, preferem fazê-las acompanhados, pois, com os amigos, o relacionamento é baseado na igualdade e as condições para uma boa interação são geralmente maximizadas.

A importância dos grupos de pares na adolescência ocorre devido a problemas do adolescente como a ocorrência da puberdade, crescimento físico e pressões culturais que levam os adolescentes a sofrerem problemas pessoais, o que faz com que estes procurem seus amigos para se confortarem, e para desabafar em relação a discussões com os pais e outros problemas que tenham, pois, os amigos fazem parte da identidade dos mesmos.

São as relações com os nossos amigos que influenciam muito como iremos ser no futuro e a profissão que teremos. As relações que possuímos que permitem ao adolescente confiar em si próprio e nas outras pessoas, pois tendo amigos de confiança, são mais felizes e confiam mais nos outros, pois o jovem vê no grupo de amigos a sua identidade.

A relação com os pares é especialmente significativa durante a adolescência, contribuindo para o ajustamento psicossocial, principalmente, com o ajustamento escolar, com a saúde psicológica (solidão/isolamento) e com problemas de comportamento, pois estabelece-se uma relação clara entre aceitação, por parte dos pares, e ajustamento psicossocial (NEWMAN & CARPENTER, 2001).

Da mesma forma, o convívio com amigos pode deixar a escola mais interessante aos olhos dos adolescentes, pois ter amigos também representa ter apoio no enfrentamento de problemas do cotidiano escolar (DAYRELL, 2007). Os laços que são estabelecidos são quase familiares, pois os adolescentes dividem intimidades, sonhos, receios, projetos e desejos (COSTA, 2012).

Por outro lado, os adolescentes necessitam da aprovação de seus pares e de fazerem parte de um grupo, embora a necessidade de afiliação a um grupo seja essencial em qualquer época da vida, para muitos adolescentes, o fundamental em suas vidas é a maneira como são vistos pelos seus pares, ou seja, por outros adolescentes. Para Gonçalves (2006), os adolescentes sentem-se melhor na presença de seu grupo de amigos porque suas tensões tendem a ser minimizadas, já que conviver com pessoas parecidas não gera nenhum esforço para serem aceitos.

Desse modo, a amizade é um relacionamento livre das exigências postas pela família ao indivíduo. Isso não significa que o constituir amizades não tenha participação da cultura, do ponto de vista da abertura dos indivíduos a esse tipo de laço, de restrições ligadas ao grupo de pertença dos sujeitos (SALVADOR, 2011, p. 26).

Essa nova cultura criada reforça os laços entre os novos grupos e ajuda no fortalecimento de uma identidade que se constrói a cada dia. A vivência da amizade pode ser uma forma de reafirmar a identidade bem como uma possibilidade de questionamentos de pontos de vistas apresentados como verdades pelos adolescentes (DAYRELL, 2007).

O adolescente é um agente de mudanças, assim, “ao invés de colocarmos barreiras ou apenas delimitarmos fronteiras, estamos propondo edificar pontes, formar elos, articular saberes, em uma construção conjunta de modelos que ampliem cada vez mais nossa visão de mundo” (SUDBRACK, 1996, p.108). Csikszentmihalyi (1999) argumenta que, em comparação com outras características principais do ambiente social, as amizades oferecem tanto os contextos emocionais mais recompensadores no presente imediato, quanto as maiores oportunidades para o desenvolvimento a longo prazo. O que importa é ser feliz enquanto estamos fazendo coisas que ampliam nossas habilidades, que nos ajudam a crescer e a realizar nosso potencial. Isso é especialmente verdadeiro na juventude: um adolescente que se sente feliz ao não fazer nada, provavelmente não será um adulto feliz (Csikszentmihalyi, 1999).

Selosse (1997) afirma que o adolescente procura, fora do ambiente familiar, as respostas para suas necessidades afiliativas, de autoafirmação, de diferenciação, de autonomização e identificação. São as condutas interativas que lhes possibilitam expressar estas necessidades de se inscreverem em situações e construir seus lugares. Os grupos de pares tornam-se, portanto, grupos de pertencimento e de referência para os adolescentes.

Csikszentmihalyi (1999), em suas pesquisas, também encontrou que as experiências mais positivas que as pessoas relatam são, em geral, aquelas compartilhadas com os amigos. Isso é especialmente verdadeiro para os adolescentes, como também para os anos finais da vida. As pessoas geralmente ficam muito mais motivadas e felizes quando estão com os amigos, independentemente do que estejam fazendo. Segundo o autor supracitado, “até mesmo estudar e realizar as tarefas caseiras, que deprimem o humor quando feitas sozinho ou com a família, tornam-se experiências positivas quando feitas com os amigos” (CSIKSZENTMIHALYI, 1999, p.83). Chapman (2006) também corrobora com a ideia de que os adolescentes, em geral, preferem estar com os amigos ao invés da família.

Assim, os amigos dentro do *campus* representam possibilidade de minimizar a falta da família, deixando a convivência e o dia a dia na instituição mais agradáveis. A amizade não substitui a família, mas torna-se um relacionamento essencial aos adolescentes.

4.4. - O adolescente e a escola

A sociedade atual, pluralista e globalizada, exige que a escola se aproxime das reais necessidades de seus alunos, configurando-se em uma instituição capaz de lhes influir significativamente no desenvolvimento pessoal e social. Diante dessa demanda, percebe-se a necessidade de se criar, em cada espaço escolar, uma metodologia exclusiva de trabalho, dentro das singularidades institucionais, regionais e culturais que o cercam.

A escola para o adolescente é um território que acolhe tudo e onde eles se sentem à vontade para exercitar suas vivências e convivências. É nesse território em que se dão encontros e relações, que o jovem questiona valores e começa a construir seu projeto de vida. Por outro lado, as escolas existem para agir no mundo, na sociedade e na história. Mas essa ação tem que ser intencional e planejada, direcionada para fins previamente estabelecidos (GONÇALVES, 2005).

A educação é primordial para o desenvolvimento dos adolescentes e a escola não tem somente responsabilidade com a formação acadêmica, mas com a formação para a vida. Neste sentido, a estruturação escolar não poderá ser pensada a partir da família. Em verdade, estas duas instituições são responsáveis pelo que se denomina educação em sentido amplo (AQUINO, 1996).

Como uma obra em construção, a adolescência acontece no indivíduo principalmente no terreno da escola, onde o jovem passa boa parte de seu dia fora de casa. Há quem compare o processo individual àquele que se dá na coletividade contemporânea.

Quem sou eu? O que eu posso ser? O que fazer para ser o que eu quero? O que eu quero para o meu futuro? Como posso me preparar para realizar meu projeto de vida? No ensino médio, é a escola, quando geradora de questionamentos, pensamentos, sentimentos e ações, que ajuda o adolescente a chegar a essas questões e a buscar suas próprias respostas.

O adolescente passa por uma redefinição da imagem corporal assim como são redefinidas as configurações urbanas e as fronteiras territoriais. Ele está se individualizando, rompendo vínculos e buscando autonomia, em um processo similar ao da descolonização, quando uma comunidade rompe com a metrópole para obter sua independência política e econômica.

De acordo com Snyder e Lopez (2009), um aspecto essencial da escola refere-se à qualidade do ensino em estimular os alunos a assumir valores e qualidades e a se apropriar destes, pois, como acrescentam estes autores:

Ensinar não é emitir fatos e números sem nenhuma paixão. Ensinar é influenciar. É se preocupar profundamente com as ideias e com a forma como essas ideias são transmitidas, entendidas e expressadas. É se preocupar profundamente com o conteúdo e com os alunos a quem o estamos comunicando. E é por meio deste cuidado apaixonado que inspiramos o aluno (SNYDER e LOPEZ, 2009, p. 353).

O adolescente também está na fase de comparar valores para estabelecer seu próprio código de ética, enquanto a humanidade coloca o foco nos códigos internacionais para nortear a vida no planeta e os direitos individuais e coletivos. Desta forma, a escola proporciona contato com o conhecimento científico, sistematizado e com um universo amplo de interações. Tem o papel de oferecer oportunidade para os adolescentes entrarem em contato com informações e experiências desafiadoras capazes de provocar transformações e gerar novos processos de comportamento. Assim, o papel da escola será fomentar a experiência do aluno através do processo de desconstrução e reconstrução dos processos imanentes à realidade dos fatos cotidianos, na incessante busca de uma visão mais dilatada de suas múltiplas determinações e dos diferentes pontos de vista sobre eles, definindo, desta forma, o conhecimento no seu sentido lato (AQUINO, 1996).

É importante destacar uma das tarefas mais desafiadoras e penosas dos educadores – facilitar a construção da ética pelos alunos – porque a escola, assim como a família, tem o encargo de ajudá-los a formar o sentido da responsabilidade. Para formar indivíduos cidadãos é necessário que este tenha consciência de liberdade e de sua responsabilidade social (GONÇALVES, 2005).

Bruner (2001) afirma que a escola funciona como espaço cultural voltado principalmente para troca de conhecimento e experiências, cumprindo também a função de engendrar significações da vida social e cultural da sociedade. Ainda, segundo o autor, a escola tem função identitária, pois contribui para o desenvolvimento psicológico dos que nela estão inseridos na medida em que estes passam a se reconhecer como grupo, cujos significados compartilhados influenciam a identidade pessoal.

Neste sentido, devemos destacar que o papel da escola para o adolescente vai além do educacional, passando por questões culturais, sociais e de relacionamentos, pois trazem para dentro da escola suas culturas, construindo, aos poucos, sua subjetividade.

4.5. - O adolescente e família

Não se pode pensar no indivíduo, no caso o adolescente, desvinculado de sua inserção do meio ambiente. O adolescente é produto do meio que o circunda e o processo universal da adolescência é vivido de maneira diversa nas diferentes culturas.

Desde Freud, a família e, em especial, a relação mãe-filho, tem aparecido como referenciais explicativos para o desenvolvimento emocional do indivíduo. A descoberta de que os anos iniciais de vida são cruciais para o desenvolvimento emocional posterior focalizou a família como o locus potencialmente produtor de pessoas saudáveis, emocionalmente estáveis, felizes e equilibradas, ou como núcleo gerador de inseguranças, desequilíbrios e toda sorte de desvios de comportamento (SZYMNASKI e colaboradores, 2000).

Entretanto, a família tem passado por inúmeras transformações nas últimas décadas, sendo, portanto, passível de vários tipos de arranjos na atualidade. Todavia, as funções básicas desempenhadas pela instituição familiar no decorrer do processo de desenvolvimento psicológico de seus membros permanecem as mesmas. Frente a esta realidade, a adolescência

e as relações familiares nesta etapa do ciclo vital têm sido foco de numerosos estudos (PRATTA & SANTOS, 2007).

O contexto familiar é importante na definição das experiências de crescimento, desenvolvimento e construção da identidade do adolescente e deve ser deslumbrado como processos dinâmicos em que histórias de vida e anseios individuais interagem. É no âmbito familiar que se constrói o ser humano, sendo este o primeiro grupo de referência para a criança.

Também na adolescência, a família é o primeiro grupo de referência. Seus padrões, sua dinâmica e valores moldam o pensamento desde a infância. A família, enquanto estrutura primeira da vida de uma pessoa, possibilita as relações dos adolescentes com objetos externos, assumindo juntamente com os fatores constitucionais, grande importância para o destino do indivíduo.

A maneira como vive na família, participando de forma ativa ou permanecendo sempre alienado dos problemas e necessidades dos outros, influi no tempo que o jovem leva para amadurecer. Quando os pais criam, desde cedo, o hábito da participação, ainda que seja apenas trocar ideias sobre os problemas ou os fatos que ocorrem, e da divisão de tarefas e responsabilidades, mostrando que acreditam no filho e na sua capacidade, estão agindo de forma decisiva para o amadurecimento dos jovens (ZAGURY, 2003).

A família possui o atributo de compartilhar preceitos de moralidade, por meio dos padrões de comportamento adotados em sua cultura e humanizar no sentido de socializar e adaptar sua convivência em sociedade, relacionando-se com os membros da família e também dentro de outros grupos. Na medida em que são satisfeitas suas necessidades, permite-se o desenvolvimento adequado da personalidade (LARAIA, 1993).

Para Oliveira (2001), devido ao esmero dos pais no processo de educação dos filhos, conhecendo suas aflições, necessidades, seus medos e anseios mais profundos, suas habilidades e dificuldades no dia a dia, buscando respeitá-los, terá, como consequência, a prevenção das mais variadas doenças, e até mesmo a promoção da saúde.

Os adolescentes que não estão inseridos de forma efetiva em uma estrutura familiar, ou seja, estão em uma inserção de mero compartilhar de espaço geográfico e de pertencimentos materiais, onde os aspectos relacionais não acontecem de modo a satisfazer suas necessidades emocionais de pertencimento, adotam o grupo de amigos, gangues ou turmas, para colmatar esta lacuna do seu desenvolvimento (LEVISKY, 1998).

Segundo Tiba (2005), as famílias, além de ficarem menores, isolaram-se. Os adolescentes, hoje, convivem mais com amigos do que com seus familiares. Não visitam tíos e primos, às vezes, nem avós. Essa convivência familiar menor que a social pode estar fazendo falta para a formação de vínculos familiares na formação dos jovens, responsáveis por valores como gratidão, religiosidade, disciplina, cidadania e ética.

Desta forma, analisando o período da adolescência, questiona-se que os adolescentes precisam de pais que os amem, de uma escola para acolhê-los e ensiná-los a pensar e que dedique atenção ao seu desenvolvimento e os ajudem a desviar de comportamentos inadequados. Os adolescentes precisam ter acesso a uma ampla variedade de oportunidades e a um ambiente propício para desenvolverem seu potencial.

Assim, este espaço pode influenciar positiva ou negativamente o desenvolvimento emocional dos adolescentes. Desta forma, as relações interpessoais devem agrupar não só atividades acadêmicas, mas também atividades de lazer que priorizem os relacionamentos e o crescimento emocional dos alunos nele inseridos. No próximo capítulo iremos abordar a respeito desse assunto.

5. CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA POSITIVA

“... estudo científico do que faz a vida ser digna de ser vivida”
(Peterson, 2006)

No final da década de 1990, cientistas de alguns dos maiores centros de estudos em Psicologia da atualidade, tais como os das Universidades de Harvard, Yale, Pennsylvania e Michigan, reuniram-se com o objetivo de compreender melhor os caminhos que levariam o ser humano à felicidade.

O movimento científico surgiu nos Estados Unidos, em janeiro de 1998, a partir da iniciativa de Martin Seligman, como presidente da *American Psychology Association* (APA), ao lado de renomados cientistas como Mihaly Csikszentmihalyi, Ray Fowler, Chris Peterson, Ed Diener, a fim de promover uma mudança de foco na Psicologia daquela época - do estudo de doenças para o estudo do que faz com que a vida valha a pena. Esta perspectiva propõe a modificação do foco da Psicologia de uma reparação dos aspectos disfuncionais da vida para a construção de qualidades positivas (SELIGMAN, 2004).

O movimento emerge como tentativa de romper o viés negativo sobre o desenvolvimento humano através do estudo dos aspectos positivos presentes nos indivíduos. Nesse sentido, temáticas como as emoções positivas destacam-se nos atuais estudos científicos da psicologia. Assim, nascia a Psicologia Positiva. Comprometida com o estudo científico das potencialidades humanas, a Psicologia Positiva agrega ao clássico papel curativo da Psicologia convencional, também um caráter preventivo, essencial quando pensamos em qualidade de vida e no desenvolvimento pleno do potencial humano.

Ganhou o nome de Psicologia Positiva, que pode ser entendido como um termo guarda-chuva para o estudo das emoções, das características individuais e das instituições positivas centrado na prevenção e na promoção da saúde mental (SELIGMAN, STEEN, PARK, & PETERSON, 2005). Em termos de intervenção, a psicologia positiva preconiza que tratar vai além de arranjar o que está danificado; é também cuidar do que temos de melhor (SELIGMAN & CSIKSZENTMIHALYI, 2000).

A Psicologia Positiva, como campo de investigação científica que estuda os elementos que compõem o funcionamento ótimo das pessoas e seus recursos para terem uma vida feliz, apresenta pesquisas que visam compreender e construir as qualidades da vida, interessando-se pelo estudo de emoções positivas, de traços positivos e de instituições positivas.



Estudo das emoções positivas

(felicidade, prazer, gratificação)

Estudo dos traços positivos

(forças de caráter, interesses, valores)

Estudo das instituições positivas

(famílias, escolas, trabalho, comunidades, sociedades)

(Seligman, 2004)

Desde então, a Psicologia Positiva vem crescendo mundo afora, com pesquisas transculturais, com cientistas voltando suas pesquisas para prevenção e para o funcionamento ótimo das pessoas. Assim, a Psicologia Positiva interessa-se em investigar os estados afetivos, felicidade, otimismo, resiliência, gratidão, qualidade de vida, satisfação, entre outros. O caráter científico enfatizado por esse movimento sinaliza que a psicologia positiva não deve ser confundida com autoajuda ou com afirmações baseadas no esoterismo ou com qualquer tipo de religião.

Na medida em que seu objetivo é o estudo de sentimentos, emoções, instituições e comportamentos positivos, que tem como foco principal a promoção da felicidade humana, a Psicologia Positiva se estabelece como um movimento interdisciplinar, capaz de reunir não apenas psicólogos de diferentes abordagens, mas pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, como sociólogos, antropólogos, pedagogos etc. Tal integração se torna possível na medida em que não buscamos unificar teorias de compreensão do fenômeno humano, nem tampouco discutir as diferentes abordagens, a fim de determinar qual delas seria a mais “verdadeira”. O que une os pesquisadores da Psicologia Positiva é um interesse comum em compreender aquilo que leva indivíduos e sociedades a florescerem e a expressarem toda a sua potencialidade.

Segundo Gonçalves (2006), o escopo teórico inicial da psicologia Positiva, anunciado por Seligman e Csikszentmihalyi (2000), é dividido em três tópicos principais. O primeiro concentra-se na experiência positiva, visando responder à questão “o que faz um momento ser melhor do que outro?”. Para Kahneman (1999), a qualidade hedônica da experiência em curso é o elemento essencial da psicologia Positiva. Diener (2000) direciona o foco para o bem-estar subjetivo, Massimini e Delle Fave (2000) para a experiência ótima, Peterson (2000) converge para o otimismo, Myers (2000) centra na felicidade, Ryan e Deci (2000) na autodeterminação, Taylor, Kemeny, Reed, Bower e Gruenewald (2000) e Salovey, Rothman, Detweiler e Steward (2000) conduzem suas investigações sobre a relação entre as emoções positivas e a saúde física.

Neste novo contexto, destacam Paludo e Koller (2007) que a Psicologia Positiva possibilitou uma reavaliação das potencialidades e virtudes por meio de novas pesquisas que tratam sobre a prosperidade humana.

Entre os conceitos empregados por esta abordagem, apresenta-se o de bem-estar subjetivo (BES), sendo este o estudo científico da felicidade.

Gonçalves (2006) aponta que os estudos sobre felicidade foram intensificados a partir da década de 1970 e passaram a ser nomeados como bem-estar subjetivo. Wilson (1967) foi um dos primeiros pesquisadores da felicidade humana e concluiu que as pessoas felizes são mais jovens, saudáveis, inteligentes, com bom nível de instrução, bem remuneradas, casadas e religiosas e que o sexo não influencia a felicidade. Dentre as afirmações do estudo de Wilson, algumas foram confirmadas e outras foram rejeitadas (DIENER e OISHI, 2004).

O bem-estar subjetivo é uma área da psicologia que tem crescido muito ultimamente, cobrindo estudos que têm utilizado as mais diversas nomeações, tais como: felicidade, satisfação, estado de espírito e afeto positivo. De forma ampla, pode-se dizer que o tema foca como as pessoas avaliam suas vidas (Diener, 1996). Mais especificamente, este construto diz respeito a como e por que as pessoas experienciam suas vidas positivamente. Também é considerada a avaliação subjetiva da qualidade de vida.

A qualidade de vida tem dois componentes: bem-estar objetivo (*welfare*) e bem-estar subjetivo (*well-being*). O bem-estar objetivo está relacionado ao que as pessoas possuem para suprir suas necessidades básicas e de segurança e é composto por dois subcomponentes: bem-estar econômico (salário e renda) e bem-estar sociodemográfico (moradia, educação, emprego, saúde, lazer, transporte etc.) (PEREIRA, 1997).

O bem-estar subjetivo é composto por quatro subcomponentes: satisfação com a vida, afeto positivo, afeto negativo e felicidade. O bem-estar subjetivo é um importante componente da Psicologia Positiva, como afirmam Passareli e Silva (2007):

É um aspecto que pode favorecer a maneira como vemos a nós mesmos e as outras pessoas, o que pode resultar em maior prazer em vivenciar as situações cotidianas e o relacionamento com nossos pares. Torna-se importante, cada vez mais, conhecer os aspectos relacionados a esse tema (PASSARELI, SILVA, 2007, p.514).

Tal construto objetiva compreender a avaliação que indivíduos fazem de suas vidas, podendo ser compreendido por outras denominações, como: felicidade, satisfação, estado de espírito e afeto positivo (SCORSOLINI-COMIN & SANTOS, 2010). Possui três dimensões: afetos positivos, afetos negativos e satisfação com a vida (SCORSOLINI-COMIN & SANTOS, 2012).

O campo da Psicologia Positiva, no nível subjetivo, parte de autorrelatos de como a pessoa avalia sua vida, investigando, deste modo, a experiência subjetiva auto percebida sobre o bem-estar subjetivo. As emoções positivas podem estar relacionadas ao passado, futuro e presente. Satisfação, contentamento, realização, orgulho e serenidade são emoções ligadas ao passado; esperança, otimismo, fé e confiança estão ligadas ao futuro; e alegria, êxtase, entusiasmo, calma, prazer, *flow* e felicidade, referem-se ao presente.

No nível individual, a Psicologia Positiva interessa-se pelas características individuais positivas como: vocação e capacidade para amar, coragem, habilidade em relações interpessoais, sensibilidade estética, perseverança, capacidade de perdoar, originalidade, espiritualidade, competências e sabedoria. No nível grupal, reporta-se às virtudes cívicas e às instituições que orientam os indivíduos para serem cidadãos melhores, como: responsabilidade, educação, altruísmo, civilidade, moderação, tolerância e trabalho ético (SELIGMAN E CSIKSZENTMIHALYI, 2000).

Assim, quando uma pessoa vivencia um nível elevado de bem-estar subjetivo pode-se dizer que está experimentando satisfação com a vida, felicidade, alta frequência de emoções positivas e baixa frequência de emoções negativas; do mesmo modo que a pessoa com baixo nível de bem-estar subjetivo não está tendo satisfação com a vida nem felicidade e vivencia mais emoções negativas do que emoções positivas (SUH e OISHI, 1997; DIENER e SUH e LUCAS, 1999).

Portanto, para que se possa alcançar uma vida de satisfações, segundo Csikszentmihalyi (1992), há que se conseguir ter esse controle direto da experiência, ou seja, a capacidade de obter, instante a instante, prazer com o que se faz, pois, de todas as virtudes que se pode aprender, nenhuma se caracteriza como mais útil, mais essencial à sobrevivência e mais capaz de melhorar a qualidade de vida do que a capacidade de transformar a adversidade num desafio gerador de satisfação (SELIGMAN, 2004).

Para Pereira (1997), essa avaliação cognitiva sobre a vida, quanto ao seu alcance, pode se dar através de dois mecanismos: a satisfação plena ou de sucesso, quando foi alcançada a meta a que se havia proposto e a satisfação parcial ou de resignação, quando somente uma parte dessa meta fora alcançada (GONÇALVES, 2006, p.25).

Outros construtos pesquisados pela Psicologia Positiva são: *resiliência* sendo compreendida como a capacidade do indivíduo de se restaurar psicologicamente diante das adversidades, possuindo como características a flexibilidade e a versatilidade. Ela é proveniente dos sentidos que a pessoa atribui aos eventos da vida, bem como de sua capacidade afetiva e da presença de projeto de vida (YUNES, 2003); *afetos positivos*, conceituado como uma percepção de estado emocional voltado a um contentamento hedônico puro, experimentado em um determinado momento como um estado de alerta, de entusiasmo

e de atividade (SCORSOLINI-COMIN & SANTOS, 2012), e *afetos negativos*, enquanto estados de engajamento não prazeroso, motivado por emoções desagradáveis como ansiedade, depressão, aborrecimento, pessimismo, angústia, dentre outros (DIENER, 1995). O construto *satisfação com a vida* também merece destaque, compreendido como um processo de juízo e avaliação geral da própria vida (EMMONS, 1986), remetendo-se também a uma comparação com o seu meio social, cultural e histórico (SCORSOLINI-COMIN & SANTOS, 2012).

Fredrickson (2001) acrescenta que as emoções positivas desempenham um importante papel na evolução, fortalecendo os recursos intelectuais, físicos e sociais, que são úteis em situações adversas, proporcionando um estado de espírito positivo, agregando as pessoas na medida em que todos gostam de ficar perto de pessoas felizes.

Para Seligman (2004, p. 59), “a emoção positiva é importante, não somente pela sensação agradável que traz em si, mas, também, porque causa um relacionamento muito melhor com o mundo”. Sendo assim, melhoram-se as relações de amizade, a saúde física, o amor e a realização pessoal, pois quando estamos felizes pensamos menos em nós mesmos e passamos a olhar o outro e compartilhamos aquilo que temos de melhor.

Segundo Gonçalves (2006), as emoções positivas são fundamentais para a experiência de felicidade porque, além de propiciarem experiências prazerosas quando estão presentes, também deixam um lastro para uma melhoria na qualidade de vida em outros momentos futuros.

Conforme assinalamos anteriormente, a Psicologia Positiva quer estudar os elementos que compõem o funcionamento ótimo do ser humano, bem como seus recursos para a conquista de uma vida feliz. Com o objetivo de explicar a felicidade humana, Seligman (2004) propõe a seguinte fórmula através da equação:

$$H = S + C + V$$

H (*happiness*) → nível constante da felicidade

S (*set ranger*) → limites estabelecidos aos quais o sujeito está submetido

C (*circumstances*) → circunstâncias da vida

V (*voluntary*) → fatores que estão sob o controle voluntário do indivíduo

(SELIGMAN, 2004, pag. 61)

Perante a equação apresentada, percebemos que a visão da Psicologia Positiva sobre a felicidade contempla os três grupos teóricos citados, na medida em que reconhece tanto a influência da satisfação pelo atingimento de objetivos e suprimento de necessidades quanto através da realização de determinados tipos de atividades, isto tudo sem negar a mediação genética na experiência do bem-estar subjetivo. No entanto devemos considerar as palavras de Seligman:

A felicidade, que é o objetivo da Psicologia Positiva, não se resume a alcançar estados subjetivos momentâneos. Felicidade também inclui a ideia de uma vida autêntica (...) e autenticidade descreve o ato de obter gratificação e emoção positiva através do exercício das próprias forças pessoais, que são caminhos naturais e permanentes para a gratificação. (2004, p. 288)

A felicidade, em geral, envolve a experiência de emoções positivas. As emoções positivas são uma expressão de saúde e sanidade, permitem um florescimento ou expansão (*broaden*) cognitivo e comportamental e também propiciam a construção (*build*) de recursos

psicológicos e emocionais (FREDRICKSON, 2001).

Emoções negativas, como medo, raiva e desgosto, levam a comportamentos focados em evitar ou enfrentar a ameaça. Emoções positivas, por outro lado, aumentam a flexibilidade e a amplitude da cognição e do comportamento. Dentro das emoções positivas estariam, contentamento, alegria, satisfação, desfrute, gratidão e o amor.

Segundo Fredrickson (2001), a proporção ideal entre as emoções positivas e negativas é de 3 para 1, respectivamente. O “número mágico” da felicidade seria 75% de emoções positivas e 25% de emoções negativas.

Os estudos realizados mostram que as consequências das emoções positivas e da felicidade são amplas:

- Sucesso na escola e no trabalho
- Melhores relacionamentos sociais
- Melhor saúde física
- Melhor saúde mental
- Vida mais longa

Para Seligman (2011), a teoria da “felicidade autêntica” envolve três elementos: emoção positiva, engajamento e sentido, que são mais apreciáveis do que a felicidade. A emoção positiva proporciona prazer, entusiasmo, contentamento, proporcionando uma “vida agradável”. O segundo elemento, engajamento está relacionado à entrega a uma determinada atividade quando o tempo dispensado deixa de ser percebido, é a fusão com o objeto. Referindo-se a uma vida vivida com esses objetivos como uma “vida engajada”. Um terceiro elemento é o sentido. A vida com sentido consiste em pertencer e servir a algo que se acredita ser maior do que eu, e a humanidade criamos todas as instituições positivas que permitem isto: religião, partido político, família, pertencer a um movimento ecológico ou a um grupo de escoteiros (SELIGMAN, 2011, p.22).

Seligman logo se deu conta de que sua teoria da felicidade autêntica não era capaz de atender plenamente à concepção da psicologia positiva. Ela era unidimensional: tinha a ver com se sentir bem e afirmava que o modo como escolhemos nossa trajetória de vida é tentando maximizar o modo como nos sentimos. Desta forma, o objetivo da Psicologia Positiva seria aumentar a quantidade de felicidade na vida das pessoas e no planeta.

Em sua teoria do Florescimento, Seligman (2011) aponta que a felicidade faz parte do bem-estar, mas que sozinha não dá sentido à vida, contrariando o senso comum, pois a felicidade não é tudo que se deve buscar na existência.

Portanto, após a reformulação da teoria da Felicidade Autêntica, que “o tema hoje da psicologia positiva é o bem-estar, que o principal critério para a mensuração do bem-estar é o florescimento, e que o objetivo da psicologia positiva é aumentar esse florescimento” (SELIGMAN, 2011, p.23). Destaca em seu livro “*Florescer - uma nova e visionária interpretação da felicidade e do bem-estar* (2011), um capítulo intitulado como: “Educação Positiva: o ensino do bem-estar da juventude”, em que afirma que o tema *Emoções positivas* deve ser abordado com os alunos na escola, a fim de evitar futuros problemas psicológicos e fortalecer a vida das pessoas. Fornecendo reflexões importantes e relevantes para a compreensão do bem-estar e da felicidade, ou seja, contribuindo sobre a maneira de propagar o bem-estar e a felicidade das pessoas.

Csikszentmihalyi (1992), após 25 anos de observação, concluiu que não adianta procurar a felicidade porque esta não será alcançada dessa maneira, já que “não é o resultado da boa sorte ou do acaso. Não é algo que o dinheiro possa comprar ou que o poder possa controlar. Não depende de acontecimentos externos, mas sim de como os interpretamos” (CSIKSZENTMIHALYI, 1992, p.14).

Na concepção de Csikszentmihalyi (1992), somente quando a pessoa se envolve com

todos os detalhes de sua vida, sejam estes bons ou ruins, e for capaz de controlar suas ações, é que experimentará uma profunda sensação de prazer, constituindo-se como ponto de referência para a vida. E a essa experiência Csikszentmihalyi (1992) denomina de experiência máxima, *flow*, experiência do fluxo.

O conceito de *flow*¹ foi introduzido na Psicologia Positiva por Csikszentmihalyi, a partir da década de 1960 que, a partir do estudo do processo criativo, interessou-se pelo fenômeno da motivação intrínseca ou pela chamada atividade autotélica² (NAKAMURA & CSIKSZENTMIHALYI, 2002). A experiência é tão agradável que o indivíduo vai fazer de tudo para que ela aconteça novamente. A atividade torna-se um fim em si mesmo e não necessita de nenhuma outra recompensa. Quando a experiência é autotélica, a pessoa está prestando atenção na própria atividade; quando a experiência não é autotélica (ou seja, é exotélica), atenção está orientada para suas consequências (CSIKSZENTMIHALYI, 1999).

A despeito de qualquer remuneração ou prestígio que uma atividade traga, ela pode se tornar recompensadora por si mesma. A experiência vale pela satisfação de se lidar com situações difíceis e desafiadoras.

É um estado onde a pessoa encontra-se completamente absorvida e fluindo em uma atividade agradável. É quando estamos totalmente absorvidos com o que fazemos e não vemos o tempo passar. São momentos em que experimentamos uma enorme satisfação. Praticamente qualquer tipo de atividade pode produzir um estado de fluidez. Neste estado, as pessoas conseguem produzir seus melhores resultados, a mente e o corpo estão completamente integrados e imersos no momento. Quando a vida flui naturalmente, fala-se com confiança e não se incomoda facilmente, conecta-se melhor com as pessoas, entra mais intensamente em relacionamentos amorosos com seu parceiro e filhos, a vida simplesmente flui e funciona.

Em linhas gerais, podemos dizer que o *flow* se caracteriza por um estado de concentração total na atividade que está sendo realizada, capaz de fazer com que o indivíduo perca a noção da realidade. A sensação de bem-estar proporcionada pelo *flow* deve-se ao fato de o corpo e a mente estarem trabalhando em harmonia. A condição para a ocorrência da experiência do *flow* é o equilíbrio entre desafios e habilidades, sendo o trabalho um de seus principais facilitadores (CSIKSZENTMIHALYI, 2004).

De acordo com Nakamura & Csikszentmihalyi (2002), as condições para que o *flow* aconteça, incluem:

- Desafios percebidos ou oportunidade para ação que exigem (nem a mais nem a menos) das habilidades existentes; uma sensação de que se está engajado num desafio cujo nível é adequado ao tamanho das próprias capacidades
- Uma atividade com objetivos claros e feedback imediato em relação ao progresso que nela está sendo feito.

Mantidas tais condições, o indivíduo poderá entrar no chamado estado de *flow*. Acontece quando os desafios enfrentados combinam com a capacidade de enfrentá-los, promovendo a gratificação e o aumento de suas habilidades (forças pessoais).

Descreve Gonçalves (2006) que os melhores momentos da vida, contrariamente ao que se imagina, podem não ser passivos, receptivos e relaxantes; mas, quando se trabalha muito para se alcançar essas experiências, estes serão os melhores momentos, pois o corpo e mente estão completamente empenhados num esforço voluntário para realizar algo difícil e

¹ Embora alguns tradutores traduzam *flow* por *fluir*, outros preferem manter o termo em Inglês. Concordando com a segunda tendência, achamos mais adequada a utilização do termo original.

² Atividade recompensadora por si mesma, independentemente de seu produto final ou qualquer bem extrínseco que dela possa resultar.

que vale a pena. Desse modo, a experiência máxima acontece porque a pessoa faz com que ela ocorra.

Sendo assim, pensando como anda a satisfação dos alunos dos Cursos Integrados com Ensino Médio nas relações interpessoais devemos refletir: O que os alunos estão fazendo para melhorar estas relações? Quais ações estão sendo desenvolvidas para melhorar as relações interpessoais dentro do *campus*, e conseqüentemente, aumentarem sua satisfação? Muito importante nos preocuparmos com o bem-estar desses alunos, pois o relacionamento interpessoal só tem a contribuir com o aprendizado escolar firmando, assim, uma cumplicidade entre ambas as partes, quebrando qualquer resíduo e autoritarismo, seja bom ou ruim contribuirá negativa ou positivamente para o futuro do educando.

A Psicologia Positiva ancora-se no método da psicologia científica que busca compreender, mediante a investigação científica, os processos subjacentes às emoções e qualidades positivas do ser humano. Visa tanto a ajudar a resolver os problemas de saúde mental quanto a alcançar melhor qualidade de vida e bem-estar, sem afastar-se do rigor científico.

Para fechar este raciocínio vale lembrar que este foco busca melhorar o presente para construir um futuro melhor. A Psicologia Positiva traz à tona uma psicologia de enfrentamento das dificuldades para a criação de forças, competências e emoções positivas. Melhorar o meio ambiente, moldar o caráter, focar nos bons acontecimentos, nas grandes realizações com ênfase no futuro são as metas de uma psicologia que visa o desenvolvimento do ser humano em sua amplitude em vez de mitigar o sofrimento já existente. E a psicologia positiva busca fazer isso com base em evidências e não em ideias, ou seja, a experimentação é tema fundamental de todo o trabalho.

6. RELAÇÕES INTERPESSOAIS: IMPORTÂNCIA PARA A SATISFAÇÃO NA CONVIVÊNCIA DOS ALUNOS

É importante ressaltar que todas essas mudanças ocorridas durante a fase da adolescência estão relacionadas às relações sociais e interpessoais vividas pelo indivíduo, incluindo a escola como instituição presente durante esse processo.

Estabelecer boas relações com os alunos é o primeiro passo para se obter um bom ambiente de trabalho. Para que as aulas sejam produtivas e interessantes para o aluno, ele precisa sentir-se à vontade com o professor, e isso irá facilitar seu envolvimento nas atividades e construção dos conhecimentos com relação aos conteúdos trabalhados. O professor precisa ter amor pelo que faz e por quem ensina. Saber que seu trabalho é importante, estar sempre refletindo sobre seu papel como educador e sua influência no bem-estar e na satisfação com a vida dos alunos. Desta forma, segundo Mosquera e Stobäus (2004), “um professor que busca uma educação para a afetividade deve, antes de nada, desenvolver uma personalidade mais saudável, estabelecer melhores relações interpessoais” (MOSQUERA E STOBÄUS, 2004, p. 106).

O relacionamento que construímos com nossos alunos é a porta de entrada para o sucesso pessoal e profissional, pois muitas vezes conseguimos ensinar melhor quando há um respeito mútuo entre ambos, quando convivemos num ambiente harmonioso, onde as pessoas se respeitam, trocam afetos, o convívio se torna positivo, e passamos a fazer nossas atividades de forma prazerosa e com mais satisfação.

Segundo Mosquera e Stobäus (2004, p. 92), a “grande parte dos problemas que as pessoas têm provêm de sua própria pessoa ou da relação que estabelece com as outras pessoas”. Ter boa relação entre professor e aluno é fundamental para garantir bem-estar na escola e, conseqüentemente, para uma vida saudável. Quando as relações entre as pessoas são positivas, forma-se um ambiente motivador, de interação e de troca.

A sociedade, de um modo geral, vive dias bastante conturbados onde, muitas vezes, o convívio familiar é prejudicado em virtude da grande carga horária que o trabalho ou a escola ocupa do tempo de seus membros, em decorrência desse fator, muitos valores são deixados de lado. Com isso, nosso aluno, também acaba refletindo na sala de aula as inevitáveis conseqüências, e busca no professor alguém com quem confidenciar seus problemas ou que apenas lhe dê um pouco de atenção.

Todas as relações dentro da escola podem ser refletidas diretamente no rendimento do profissional. Ter boas relações com o grupo de trabalho, com a direção, funcionários e com os alunos é fundamental para que o trabalho seja completo e para que o ato de ensinar seja prazeroso. Se alguma dessas relações não estiver equilibrada, os envolvidos ficarão insatisfeitos, faltará motivação e o trabalho ficará prejudicado.

Quando os alunos se relacionam de forma favorável com o professor, tornam-se mais abertos para aprender. Passam até a se interessar por assuntos antes considerados sem importância, pesquisam e são impulsionados a entender melhor o tema, e isso pode ocorrer com o intuito de agradar o professor.

A dinâmica das relações interpessoais nem sempre é positiva, principalmente entre os professores, onde a competitividade e a falta de comunicação prejudica o andamento dos trabalhos. Às vezes, projetos para a melhoria da aprendizagem, da cidadania, deixam de ser realizados por incompatibilidade ideológica entre os diferentes representantes da escola. Muitos colegas se fecham no seu mundo, impedindo o diálogo. Isso é um ponto negativo, pois o convívio agradável, a troca de experiências e a possibilidade de contar com o outro nos momentos de dúvida e busca de possibilidades, acrescenta à educação um caráter mais humanista.

Se as relações na escola, de uma forma geral, não estiverem equilibradas, o professor nasala de aula não fará um bom trabalho, e seu relacionamento com os alunos também poderá ficar comprometido. Mosquera e Stobäus (2004) alertam que “grande parte dos problemas que um docente enfrenta podem ser provenientes de um ambiente hostil, podendo este se tornar ainda mais hostil quando se trabalha com pessoas diversas” (p.93). Para manter um bom relacionamento também precisamos entender e respeitar o fato de que as pessoas são diferentes, portanto, pensemos, muitas vezes, diferentemente do que gostaríamos.

A escola é o ambiente social no qual o indivíduo passa grande parte de sua vida e é um dos principais ambientes para que se estabeleçam relações interpessoais. O estudo e a prática das relações interpessoais buscam analisar os fatores condicionantes das relações humanas e, face aos mesmos, sugerir procedimentos que amenizem a particularidade de cada um e dinamizem a solidariedade entre todos os que buscam conviver em harmonia.

Para Gonçalves (2006), somos seres incompletos que dependemos dos outros, cujas vivências resultam em trocas. Estas trocas são necessárias para não só aprendermos do outro enquanto diferente de nós, como, simultaneamente confirmamos nossa singularidade.

No que se refere aos diferentes âmbitos da vida, as relações interpessoais exercem um papel de destaque, uma vez que acompanham a trajetória humana por toda a vida. Os relacionamentos interpessoais podem ser considerados, portanto, aspecto fundamental na existência humana, uma vez que desde o nascimento tem-se a necessidade de ligação com os outros por meio de laços permanentes e íntimos (Myers, 2000). Miranda e Garcia (2010) situam a pesquisa acerca dessa temática como marcada por diferentes disciplinas e teorias, sendo as relações românticas, familiares e de amizade as mais investigadas na literatura. Para tanto, tem-se usado medidas de avaliação multidimensionais para avaliar domínios específicos de satisfação com a vida (De Barros, Gropo, Petribú, & Colares, 2008).

Hinde (1997, citado por Ventorini & Garcia, 2004), propõe que a satisfação com os relacionamentos interpessoais seria influenciada por fatores pessoais e contextuais, podendo esta ser avaliada de maneira global ou separadamente, assim como o bem-estar. Os autores ainda apontam que essa satisfação seria resultado da percepção de necessidades supridas, sendo que estas podem ser relativas ao apoio emocional, à conexão com o outro, à troca de favores etc.

Segundo Gonçalves (2006), não é raro as pessoas pensarem em dinheiro e riqueza quando pensam sobre a felicidade, mas as pesquisas apontam que os vínculos estabelecidos nas relações interpessoais são muito mais importantes do que a prosperidade material para a experiência do bem-estar subjetivo (Perkins, 1991, citado por Myers, 2000). Assim, as habilidades sociais, os vínculos interpessoais íntimos e o apoio social são as condições mais importantes para se estar feliz (Argyle, 1989). Williams (2001) sugere que até o funcionamento cognitivo fica prejudicado quando se é excluído de seu grupo. Através das pesquisas, Diener e Oishi (2000) encontraram resultados de que estudantes que julgam o dinheiro mais importante do que os amores estão insatisfeitos com suas vidas.

Uma passagem bastante interessante que retrata bem o que foi mencionado acima é a de Marden (1908), que retrata a grande dicotomia da vida: riqueza *versus* felicidade.

Há algo mais triste do que ter muito dinheiro, mas nenhum amigo verdadeiro? De que vale está coisa que chamamos de sucesso se sacrificamos nossas amizades, as coisas mais sagradas da vida? Nós podemos ter muitos conhecimentos, mas os conhecimentos não são os amigos. Hoje em dia, não há uma pessoa rica que conheça o luxo de uma verdadeira amizade (Marden, 1908, p.114).

Muitas pesquisas vêm demonstrando os efeitos das relações sociais na felicidade; geralmente, encontram-se relatos de que as pessoas se sentem mais felizes quando estão associadas a outros (Pavot, Diener e Fujita, 1990). O fato de se estar ou não na companhia de

outros exerce grande influência na experiência da felicidade. Quando se está interagindo com o outro, sejam amigos, família, ou até mesmo estranhos, encontramos os maiores níveis de felicidade, de força e de motivação (GONÇALVES, 2006).

De acordo com Pereira (1993, 1997) e Pereira e Engelmann (1993), as causas da alegria surgem através das relações sociais bem-sucedidas, ao passo que os determinantes de satisfação surgem mais pela comparação com outrem.

E devem, jovens e adolescentes, apresentar peculiaridades na extensão pela qual se sentem satisfeitos ou não com a vida em geral, e em particular com elementos específicos da vida, tais como amor, namoro, família, amizade, religião, lazer, entre outros; além também de experimentarem felicidade ou não frente a tais domínios da vida (Pereira, 1997).

De acordo com Amambahy (2009), as relações interpessoais no cotidiano escolar abrangem uma profunda rede de interações centradas nas diferenças, pois são relações entre professor, aluno, gestores, pais, dentre outros. Tais relações exercem influência no ato educativo na medida em que essas diferenças expressam características pessoais dos sujeitos envolvidos na comunidade educativa, como: em que acreditamos, como percebemos a vida e quais são nossos objetivos. A autora destaca, também, que compreender e desenvolver relações interpessoais na escola dentro de um enfoque democrático e estudando as relações e inter-relações entre pessoas e instituições não é uma tarefa fácil, pois é difícil haver espírito coletivo, já que as diversidades pessoais se constituem através na busca de objetivos comuns.

Normalmente se acredita que se as relações interpessoais existentes na escola forem saudáveis, elas podem contribuir com a melhor aprendizagem dos alunos. Mas até que ponto se trata de uma verdade? Será que professores e alunos concordam com esta suposição?

São estas e outras indagações que esta pesquisa, que tem por objetivo verificar se os alunos estão satisfeitos quanto às relações interpessoais com os demais alunos, professores e servidores, e a interferência que essas exercem sobre a aprendizagem escolar, averiguando o que traz satisfação e quais sugestões apontam para melhorar às relações.

7. MÉTODO

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa na medida em que busca a subjetividade nas respostas dos participantes, alcançando um “universo” maior de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, possibilitando um maior aprofundamento dos processos e fenômenos que foram estudados.

Segundo Chizzotti (2005) a ciência e as pesquisas cresceram e se desenvolveram a partir de um processo de busca metódica das explicações causais dos fatos ou da compreensão exaustiva da realidade. O mesmo autor conceitua *pesquisa* como “um esforço durável de observações, reflexões, análises e sínteses para descobrir as forças e as possibilidades da natureza e da vida, e transformá-las em proveito da humanidade”. Desse modo, a pesquisa carece de responsabilidade e da ética, devendo produzir conhecimentos que sirvam para melhorar as condições da vida humana.

De acordo com Chizzotti (2005), esta abordagem rompe com um modelo de pesquisa estritamente experimental para todas as ciências, pois o conhecimento não pode ser concebido como um conjunto de dados isolados, visto que não são neutros e que o sujeito observador também integra o processo de conhecimento e interpreta os fenômenos investigados atribuindo-lhes um significado. Entretanto, pelo fato de estarmos participando cotidianamente desse ambiente e de nos colocarmos como partícipes do processo devemos atentar para que não ocorra uma indesejável mistura entre o papel de pesquisador com a atuação funcional.

7.1. - Participantes

O projeto foi realizado com os alunos dos Cursos Técnicos Integrados do IFFluminense - *campus* Bom Jesus do Itabapoana. Participaram 60 alunos, de ambos os sexos, faixa etária entre 15 e 18 anos, das 2^a e 3^a séries dos Cursos Técnicos Integrados, residentes de localidades próximas e municípios vizinhos.

Teve como critérios de inclusão nessa pesquisa, a participação voluntária e aceitação para fazer parte do grupo de pessoas acima estabelecidas.

7.2. - Instrumentos e Análise dos Dados

O instrumento utilizado foi questionário com perguntas abertas, que foram tabuladas, agrupadas e classificadas de acordo com a análise de conteúdo de Bardin (2009), em frequências simples e percentuais.

A "Análise de conteúdo" configurou-se mais adequada para esse fim. Cabe lembrar que a análise de conteúdo está sendo empregada na perspectiva de Bardin (2009), como: "um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (qualitativos ou não), que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens". (p. 42).

A análise de conteúdo busca compreender mais além dos significados imediatos; conduz a uma tarefa paciente de "desocultação" do não-dito, do latente, do que permaneceu encoberto. A pertinência das informações, o contexto da mensagem e o contexto exterior fizeram com que a pesquisadora se debruçasse sobre os dados coletados, numa tentativa de buscar esses significados ocultos, não ditos. Como diz Bardin (2009), a análise de conteúdo busca conhecer aquilo que está por trás das palavras, é a busca de outras realidades através das mensagens. (p. 44).

7.3. - Procedimentos

A aplicação dos questionários foi feita individualmente. Para os questionários serem respondidos pelos estudantes com idade inferior a 18 anos foi necessária autorização prévia dos pais ou responsáveis. Todos os participantes aceitaram participar da pesquisa, tendo sido garantido anonimato e sigilo absoluto. Foram resguardados todos os princípios éticos de pesquisa com seres humanos e o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFRRJ. Os participantes também concordaram com a apresentação dos resultados em evento científico e posterior divulgação em revista científica. A realização desta pesquisa é relevante na medida em que serão apresentadas sugestões para melhorar a satisfação dos alunos na escola, incluindo as relações interpessoais com professores e alunos, bem como com a vida escolar dentro do *campus*, visando propiciar, assim, um ambiente agradável de estudo, um lugar de conhecimento construtivo, que aguce a curiosidade e premie com novas descobertas.

8. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse encaminhamento levou à opção por uma abordagem qualitativa, pois permitem articular vários elementos do material coletado.

As respostas dos questionários sobre a satisfação dos alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio com as relações interpessoais foram agrupadas e classificadas de acordo com a análise de conteúdo de Bardin (2009), em frequências simples e percentuais, para cada pergunta do questionário. As tabelas foram apresentadas em ordem decrescente de frequências e houve respostas múltiplas dadas pelos participantes.

A primeira pergunta do questionário, “**Você tem amigos no *campus*?**”, teve por finalidade investigar se os alunos possuem amigos dentro do *campus*. As respostas foram apresentadas na tabela 1.

Tabela 1 - Você tem amigos no *campus*?

Categorias	Frequências Simples	Frequências Percentuais
Sim	35	58,33
Muitos/Vários	19	31,67
Não	3	5,0
Alguns	3	5,0
TOTAL	60	100,00

Como observado na tabela 1, 58,33% (F=35) dos alunos afirmaram ter amigos no *campus*. Uma resposta que merece destaque é: “ Sim, a maioria já conhecia, mas outros amigos foram conhecidos dentro do *campus*, números consideráveis e de várias salas”, evidenciando a importância dos amigos. De acordo com Gonçalves (2006, p.168), os amigos eleitos pelos adolescentes proporcionam experiências afetivas positivas, proporcionam sensação de bem-estar por pertencerem a um grupo de pares, já que interação com pessoas conhecidas não exige grande esforço e tendem a minimizar as tensões.

Dentre das respostas encontradas na primeira pergunta, vale ressaltar a resposta: “Não dou o luxo de chamar as pessoas de amigos, “colegas” é uma palavra mais adequada”. A amizade é um relacionamento composto por três características principais: companheirismo, ajuda e apreço mútuo (BUKOWSKI, NEWCOMB & HARTUP, 1996), sendo estes os ingredientes mínimos para que um relacionamento evolua a partir de uma díade de pessoas apenas consideradas “conhecidas” entre si. A partir da continuidade das interações entre os dois amigos, e do conseqüente fortalecimento do vínculo entre eles, outras características passam a dominar a relação, como a confiança, a segurança emocional, o apoio (não apenas prático, mas também socioemocional), a autorrevelação, a proximidade relacional e a autovalidação (SOUZA & HUTZ, 2007). Talvez, seja esta a razão de porque nem todos possam ser chamados de amigos.

A segunda pergunta do questionário, “**Como você fez suas amizades no *campus*?**”, teve como finalidade investigar como os alunos fizeram as amizades no *campus*. As respostas foram agrupadas nas categorias: Atividades Acadêmicas, Atividades de Lazer, Relações Interpessoais- amigos de amigos, Comunicação, Moradia Estudantil e Outras, conforme apresenta a Tabela 2.

Tabela 2- “ Como você fez suas amizades no *campus*? ”

Categorias	Frequências Simples	Frequências Percentuais
Atividades Acadêmicas	21	34,42
Relações Interpessoais	20	32,80
Comunicação	14	22,97
Atividades de Lazer	3	4,91
Outras	2	3,27
Moradia Estudantil	1	1,63
TOTAL	61	100,00

Percebeu-se que 34,42% (F=21) das respostas dos alunos assinalavam que as “Atividades Acadêmicas”, incluindo as tarefas escolares, trabalhos em grupo, monitoria, grupos de estudos, revisão de conteúdo, viagens técnicas eram as atividades que mais proporcionaram fazer as amizades. Dentre as respostas que compuseram essa categoria figuraram: “minhas amizades vieram através de esclarecimentos de algumas dúvidas quanto as disciplinas” “oferecendo ajuda pela monitoria”; “fazendo trabalho em grupo em sala de aula”; “através de grupos de estudos”; “nas viagens técnicas organizadas pelos professores”.

A partir destas respostas, cabe a reflexão sobre a densidade da importância dessas atividades para o fortalecimento da amizade. Para Csikszentmihalyi (1999), a maior parte do nosso dia é preenchido com atividades de produção (trabalho, estudo, tarefas acadêmicas etc.) e atividades de manutenção (cuidados pessoais, com a casa, deslocamento etc.), sem deixar de se pensar nas atividades de lazer.

A categoria “Relações Interpessoais-amigos de amigos” totalizou 32,80% (F=20) e as respostas referiram ao fato das relações interpessoais oriundas dos amigos são o que há de agradável dentro do *campus*. Dentro das respostas encontradas na categoria “Relações Interpessoais- amigos de amigos” destacaram-se: “através de outros amigos ou interesses comuns”; “por meio de amigos em comum, e afinidades em relação a gosto pessoais”; “por meio dos meus amigos já conhecidos que me apresentavam eles”; “os colegas da sala, foram na sala, os outros foram conversando na hora dos intervalos”; “alguns eu já conhecia, outros conheci através dos amigos em comum”. Estas respostas corroboram com Csikszentmihalyi (1999) ao apontar que ter uma vida boa é saber vivenciar cada momento do dia, durante toda a vida, então, “viver”, segundo o autor, significa experimentar e é o que esses alunos estão fazendo desde o momento que ingressaram na instituição, junto com seus pares.

Uma resposta que merece destaque é: “com o convívio acabei fazendo novas amizades, algumas eu já tinha feito fora do *campus*, as outras que fiz no *campus* aconteceram normalmente, pela boa convivência, podendo virar amigos para vida toda”, evidenciando a importância da convivência com os amigos. Para Csikszentmihalyi (1999), a presença de amigos deixa os indivíduos mais felizes, apresenta metas e oferece *feedback*. Assim, estar com amigos no *campus* ajuda os alunos a se adaptarem melhor, minimiza a ausência da família, proporciona experiências positivas, e os relacionamentos ajudam as pessoas a atingirem o *flow*.

A categoria “ Comunicação” fez um total de 22,97% (F=14), e as respostas referiram ao fato de se comunicarem verbalmente proporcionou realizar suas amizades dentro do *campus*. Os resultados também mostraram que as situações em que os adolescentes participantes estão interagindo com outras pessoas são aquelas em que estes experimentam

mais emoções positivas. Entretanto, nessa pergunta, os amigos foram eleitos pelos adolescentes como responsáveis pelas experiências afetivas positivas, demonstrando a importância da comunicação para fazer amizades e como forma de relacionamento (Csikszentmihalyi, 1999), na medida em que compartilham dos mesmos interesses (Argyle, 1989). Das respostas apontadas pelos alunos destacam-se: “eu me enturmo com facilidade, logo eu conversei com o pessoal da minha turma expressando minhas ideias e sendo educado” “com conversa sobre coisas em comum e pensamentos semelhantes, com interação de todos” “conversando com os companheiros da sala de aula”.

A categoria de respostas classificada como “Atividades de Lazer”, com 4,91% (F=3), mostrou que é possível fazer amizades através dessas atividades, o que já era esperado, pois são momentos de descontração, mesmo sendo as atividades acadêmicas aquelas que proporcionam a maior maneira de fazer amizades, os alunos apontaram que “eventos” “esportes” e “brincando” faz-se amigos. Segundo Csikszentmihalyi (1999), as atividades de lazer são fundamentais para o desenvolvimento pessoal e para que nos tornemos mais humanos. São nas atividades de lazer ativo que se atinge o *flow* com mais facilidade, pois a pessoa fica concentrada em um conjunto de metas compatíveis com suas habilidades e que lhe ocorre *feedback* imediato de seu desempenho. O *flow* representa crescimento psicológico, como afirma Seligman (2004): “a concentração, a perda da consciência e a interrupção do tempo são maneiras que a evolução tem de nos dizer que estamos acumulando recursos psicológicos para o futuro”.

A terceira pergunta, “ **O que vocês costumam fazer no *campus*?** Teve como finalidade saber o que os alunos fazem dentro do *campus* juntos com seus amigos. As respostas foram agrupadas nas categorias: Atividades Acadêmicas (estudo, aula prática, estágio, trabalhos em grupos, monitorias, bolsas etc.), Atividades de Lazer e Relações Interpessoais, como mostra a tabela 3.

Tabela 3- “ O que vocês costumam fazer no *campus*? ”

Categorias	Frequências Simples	Frequências Percentuais
Atividades Acadêmicas	26	43,33
Atividades de Lazer	24	40,00
Relações Interpessoais	10	16,67
TOTAL	60	100,00

As respostas dos alunos evidenciaram que 43,33% (F=26) aludiram às “Atividades Acadêmicas”, destacado nas respostas: “realizar trabalhos em grupos”, “participar da monitoria”, “estamos sempre fazendo algo, estudando, lendo...”, “Aula prática e estágio”, “participar de eventos acadêmicos do *campus*”, “ estudar depois do horário da aula”. Segundo Csikszentmihalyi (1992), para que uma pessoa se envolva por inteiro em qualquer atividade, é necessário que as metas sejam claras, mas não apenas a meta final, é preciso que o indivíduo tenha o conhecimento preciso das tarefas que precisa completar, momento a momento. Para isto, é necessário que receba informações momento a momento, sobre como está desenvolvendo tal atividade. O *feedback* deve ser imediato: a cada ação deve deixar claro que seu desempenho está aproximando o indivíduo de sua meta. A satisfação reside nos passos que cada um precisa dar a caminho de uma meta, mais do que a conquista propriamente dita; pois, mais importante do que a chegada, é o caminho percorrido.

A categoria “Atividades de Lazer”, com 40,00% (F= 24) registrou tanto o lazer ativo

como passivo, como, por exemplo: “desfrutamos do conforto que o *campus* nos oferece, além de estudar”; “se divertir, rir...”; “assistimos vídeos, escutamos músicas, cochilamos”; “tocar instrumentos musicais”; “cantar”; “almoçar e ir a lanchonete”; “praticar esportes como, jogar bola na quadra, no campo”; “brincar”; “fazer ginástica”. Desta forma, é importante que seja destacado que estas atividades descritas pelos alunos são de fundamental importância para que eles fortaleçam as relações de amizade. Por outro lado, ter o lazer à disposição não melhora a qualidade de vida, é preciso saber usufruir desse lazer de forma que se torne mais eficaz. Atividades que geralmente oferecem prazer e satisfação são aquelas relacionadas com o lazer ativo, ou seja, as que foram criadas para esse objetivo, como esportes, jogos e eventos culturais e artísticos, visando, assim, enriquecer a vida com experiências de satisfação e prazer (CSIKSZENTMIHALYI, 1992).

Csikszentmihalyi (1999) afirma que existem muitas coisas boas para se fazer e somente a falta de imaginação poderá impedir o trajeto para essas atividades, pois é o que precisamos para desenvolver o interesse para se viver a vida por si mesma.

Pensando nas atividades desenvolvidas dentro do ambiente escolar, observamos que as atividades de lazer podem compensar o desgaste gerado pelas tarefas escolares, criando também oportunidades para a aprendizagem de novas habilidades e integração social (POSNER, VANDEL, 1999), porém, se não houver opções de lazer ativo para propiciar satisfação, prazer e gratificações, toda energia, comum na fase da adolescência, fica acumulada ou pode ser transferida para patologias físicas.

Quando indivíduos conseguem se concentrar em um conjunto de metas compatíveis com suas habilidades e com *feedback* imediato de seu desempenho poderão atingir, segundo Csikszentmihalyi (1999) o *flow*. A diferença entre lazer ativo e lazer passivo, mesmos ambos proporcionando satisfação, é que o lazer ativo enumera uma série de gratificações para os indivíduos, desde relacionamentos até saúde física; mas em atividades de lazer passivo não há gasto de energia e sua única fonte de prazer é o relaxamento.

Outra categoria de respostas foi “Relações Interpessoais”, com 16,67% (F= 10) das respostas dos alunos, também são capazes de gerar *flow*, incluindo “conversamos, trocamos ideias”; “o diálogo é a mola principal da amizade”; “conversar sobre a vida particular, entre outros assuntos” e “bater papo a respeito das nossas vidas e sobre nossos amigos”. Assim, se por um lado, os relacionamentos com os amigos podem durar a vida toda, como afirma Csikszentmihalyi (1999), a presença de amigos deixa os indivíduos mais felizes, proporciona experiências prazerosas e ajudam a atingir o *flow*. Desta forma, as respostas indicam que os alunos valorizam estes momentos de interação entre os pares em se tratando de relações interpessoais.

A quarta pergunta do questionário “**Vocês são amigos fora do *campus*? O que vocês fazem fora do *campus*?**” Busca-se identificar se os também se relacionam fora do *campus*. As respostas foram agrupadas nas categorias: Sim e Não, conforme gráfico 1.

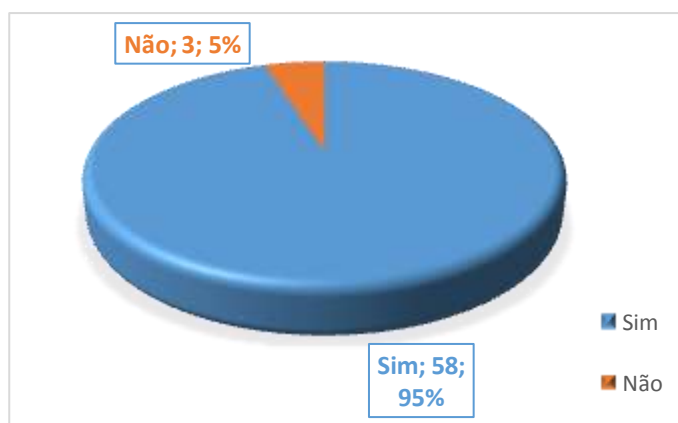


Gráfico 1 – Distribuição de respostas da pergunta “ Vocês são amigos fora do *campus*? ”

Na tabela 4 estão expressas as respostas referentes “**O que vocês fazem fora do *campus*”**, sendo categorizada da seguinte maneira: Atividades de Lazer, Relações Interpessoais- com relação a amizade, Atividades Acadêmicas e Outras.

Tabela 4- “O que vocês fazem fora do *campus*? ”

Categorias	Frequências Simples	Frequências Percentuais
Atividades de Lazer	50	81,97
Relações Interpessoais	6	9,83
Atividades Acadêmicas	2	3,28
Outras	3	4,92
TOTAL	61	100,00

Observa-se que nas respostas dos alunos 81,97% (F=50) destacaram que realizam alguma atividade com os amigos fora do *campus*. As respostas evidenciaram que 81,97% (F=50) aludiram às “ Atividades de Lazer”. Esta categoria foi dividida em duas: lazer ativo e lazer passivo. No total de 50 respostas referentes à categoria “Atividades de Lazer”, 62,00% (F= 31) respostas foram relacionadas às atividades de lazer ativo, destacando-se: “vamos para festas”; “pescaria”; “passeios na praça”; “saímos para lanchar”; “praticar esportes”; “lutas”; “jogamos voleibol”; “acampamento”; “vamos à pizzeria”. As poucas respostas relativas à lazer passivo, sendo, 38,00% (F=19), também são importantes, como, por exemplo, “assistir filmes no cinema”; “filmes na casa de outros amigos”; “sair com os amigos dos meus amigos”; “jogamos videogames” pois promovem a interação social, que também podem levar ao *flow*.

Foram apontadas atividades de lazer que se diferenciam das que já realizam no *campus* e o que nos leva a repensar o que Csikszentmihalyi (1999) discute sobre atividades de lazer, como práticas corporais, que proporcionam prazer e que mais facilmente leva o indivíduo a atingir o *flow*.

Torna-se mais fácil atingir o *flow* com atividades que envolvam o lazer ativo, como esportes, porém quando se realiza o que se gosta, como em algumas atividades acadêmicas é possível se alcançar esse objetivo. O *flow* é atingido somente quando os indivíduos fazem o que gostam e há equilíbrio entre desafios e habilidades.

As respostas que compuseram a categoria “Relações Interpessoais” totalizaram 9,83% (F= 6), e sugerem mais interação entre os pares. Elucidaram as seguintes respostas: “nós conversamos muito por mensagens e wathapp, pois moramos longe umas das outras”; “nos reunimos nas nossas casas para bater papo”; “interagimos na ida para casa”; “conversamos sobre diversos assuntos”. Estas respostas corroboram com Csikszentmihalyi (1999) pois, segundo o autor, significa experimentar cada momento do dia e é o que esses alunos estão fazendo desde o momento que ingressaram no *campus*, junto com seus pares.

Percebeu-se que 3,80% (F=2) das respostas dos alunos assinalavam que as “Atividades acadêmicas”, incluíam o “estudo”; “realizar as tarefas”; “trabalhos e revisão de conteúdo”; são atividades que fazem em conjuntos fora do *campus*.

Na categoria “Outras” 4,92% (F= 3) das respostas dos alunos que disseram que ‘não fazem nada fora do *campus*’. As respostas apresentadas foram: “nada”; “não considero amigos” e “não nos encontramos fora do *campus*”.

A quinta pergunta do questionário “ **Você está satisfeito com o relacionamento com seus amigos dentro do *campus*? Por quê?** ”. Teve como finalidade investigar se os alunos estão satisfeitos com os amigos apresentando o motivo desta satisfação. Das respostas obtidas, 91,52% indicaram que estão satisfeitos e 5,08% indicaram que não estão satisfeitos e 3,38 % disseram em partes sendo apresentadas no gráfico 2.

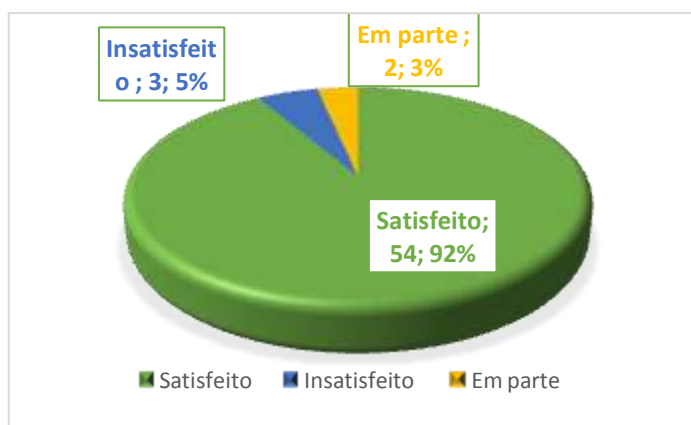


Gráfico 2- Distribuição das respostas da pergunta “ **Você está satisfeito com o relacionamento com seus amigos dentro do *campus*?** ”

Como observado no gráfico2, 91,52% (F=54) dos alunos afirmaram estarem satisfeitos com o relacionamento com seus amigos no *campus*. Algumas respostas que merece destaque são: “Sim, pois construímos laços muito fortes de amizade durante os anos estudando juntos e passando a maior parte do dia um ao lado do outro”; “Sim, estou porque me sinto bem com eles”; “Sim, pois com eles eu me distraio e saio da rotina de aula”; “Sim, pois nós conseguimos nos divertir mesmo com muitas preocupações”; “Sim, pois as relações são harmoniosas e muito construtivas”.

Os alunos apresentaram também insatisfação com o relacionamento com seus amigos dentro do *campus*, totalizando 5,08% (F=3), onde relataram: “Não, desde que eles entraram no IFF, eles querem comer o cérebro um do outro”; “Não me importo no mundo no qual é cada um por si”; “Não gostaria de falar mais da minha vida para eles, gostaria de fazer mais a diferença na vida deles”. Outros relataram que em parte não estavam satisfeitos com o relacionamento dos seus amigos, destacando-se: “Em parte, precisa ocorrer muitas mudanças para que tudo melhore” e “Em parte, pois uma ajuda o outro”.

As justificativas referentes à satisfação foram agrupadas nas seguintes categorias: Relações Interpessoais, Amizades, e Atividades de Lazer apresentadas na Tabela 5.

Tabela 5- Justificativas: Por quê?

Categorias	Frequências Simples	Frequências Percentuais
Relações Interpessoais	27	50,00
Amizades	15	27,77
Atividades de Lazer	12	22,23
TOTAL	54	100,00

A categoria “Relações Interpessoais”, num total de 50,00% (F=27) das respostas dos alunos, também são capazes de gerar *flow*, incluindo “porque sinto bem com eles”; “porque são relações importantes”; “pois me proporcionaram muitas alegrias e através deles tenho aprendido muitas coisas”. Gonçalves (2006) afirma que muitos momentos podem ser passivos, porém, quando se trabalha para alcançar essas experiências, estes se tornam os melhores momentos, como em relações interpessoais como em atividades de lazer que foram apontadas pelos alunos participantes.

Outra categoria de respostas foi “Amizades”, com 27,77% (F=15) da totalidade das respostas, onde justificaram “porque no *campus* encontrei mais do que amigos, irmãos”; “minha personalidade foi construída com base nas amizades que fiz dentro do *campus*”; “sim, pois eles me deixam alegre sempre com a autoestima alta”; “porque com meus amigos faço várias atividades legais além de estudar, estão isto me traz uma enorme satisfação”. Assim, pode-se perceber, que os relacionamentos com os amigos podem durar a vida toda, como afirma Csikszentmihalyi (1999). Desta forma, as respostas indicam que estão satisfeitos com o relacionamento com os alunos dentro do *campus*.

A sexta pergunta do questionário, “**Você e seus amigos brigam? Por quê?** ”, teve como objetivo investigar se os alunos brigam dentro do *campus*. As respostas obtidas nesta pergunta foram categorizadas em: sim, não, às vezes e muito pouco/raramente. Das respostas apresentadas, 59,33% indicaram que não, 16,94% indicaram que sim, 16,94% às vezes e 6,79% muito pouco/ raramente. As respostas estão apresentadas conforme gráfico 3.

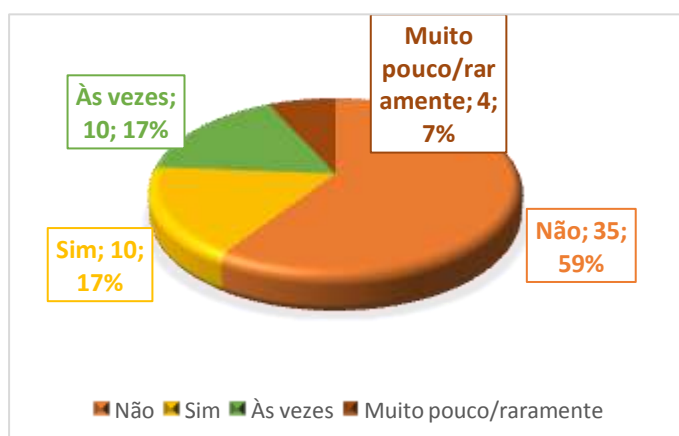


Gráfico 3- Distribuição das respostas da pergunta “Você e seus amigos brigam? Por quê? ”

As justificativas referentes a resposta não foram as seguintes: “Temos uma relação muito sólida e sincera, portanto, quando há desavenças ou as opiniões se diferem procuramos

discuti-las racionalmente, buscando sempre manter o bom humor, a educação, e sobretudo, o respeito”; “porque não há motivo para briga”; “Não, pois somos muito amigos se a situação se encaminha para isso procuro quebrar este clima”; “porque entendemos o jeito de cada um”.

Partindo-se do conjunto de respostas dadas pelos alunos e pelos resultados dos estudos sobre bem-estar subjetivo que têm sido realizados ao redor do mundo, através dos vários estudos transculturais, fica premente a ideia de que o bem-estar subjetivo, em seus componentes cognitivo e afetivos, envolve as relações interpessoais. O bem-estar subjetivo é foco de pesquisa da Psicologia Positiva. É um aspecto que pode favorecer a maneira como vemos a nós mesmos e as outras pessoas, o que pode resultar em maior prazer em vivenciar as situações cotidianas e o relacionamento com nossos pares.

Seligman (2004) afirmou que as pessoas felizes têm mais amigos, tanto amigos casuais como amigos íntimos, participam de mais atividades de grupo. Todos esses fatores indicam uma facilitação de contatos sociais. Relações sociais positivas mostram-se necessárias para o bem-estar. Verificou-se, assim, através das respostas que as relações dos alunos estão fortalecidas dentro do *campus*, constituindo-se como fator favorável para o bem-estar subjetivo.

A sétima pergunta do questionário, “**Você acha que todos os alunos do *campus* têm amigos? Por quê?**”, teve como objetivo identificar se todos os alunos têm amizades dentro do *campus* e porque consideram serem amigos. As respostas obtidas nesta pergunta foram categorizadas em: sim, não, e espero que tenham. Das respostas apresentadas, 48,34% indicaram que sim, 38,33% indicaram que não e 13,33% espero que tenham. As respostas estão apresentadas conforme gráfico 4.

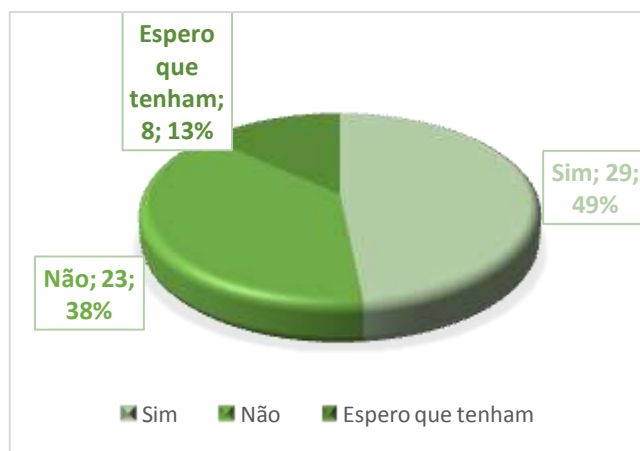


Gráfico 4- Distribuição das respostas da pergunta:
“**Você acha que todos os alunos do *campus* têm amigos? Por quê?**”

Uma resposta que merece destaque é “sim, pois em um ambiente escolar tão amplo e populoso é difícil não estabelecer amizades”, evidenciando a importância da convivência com os amigos. De acordo com Gonçalves (2006), os amigos eleitos pelos adolescentes proporcionam experiências afetivas positivas, proporcionam sensação de bem-estar por pertencerem a um grupo de pares, já que interação com pessoas conhecidas não exige grande esforço e tendem a minimizar as tensões devido à comparação social. Para Csikszentmihalyi (1999), a presença de amigos deixa os indivíduos mais felizes, apresenta metas e oferece *feedback*. Assim, estar com amigos no *campus* Bom Jesus ajuda-os a se adaptarem, minimiza a ausência da família, proporciona experiências positivas, e os relacionamentos ajudam as pessoas a atingirem o *flow*.

Isso demonstra o que Gonçalves (2006) destaca sobre as amizades entre os

adolescentes: propiciam situações ímpares de realização e de sentimento de elevada autoestima e de sucesso; as atividades do *fluir* estão presentes em inúmeras características das relações interpessoais: a atenção volta-se para o outro, este impõe metas e oferece um retorno, a interação apresenta desafios que são confrontados com as habilidades de quem interage.

Oliosi, Assunção e Sant’Ana (2009) consideram amizade como “fio condutor” para o estudo sobre os adolescentes, por perceberem que a mesma ocupa um lugar fundamental na vida dos jovens e por ser a escola um local de encontro dos amigos.

A oitava pergunta do questionário, “**Você percebe muitas brigas ou desentendimentos no *campus*? Explique sua resposta**”, buscou identificar se os alunos conseguem perceber que existe brigas de alunos dentro do *campus* e como as mesmas acontecem. As respostas obtidas nesta pergunta foram categorizadas em: sim, não, às vezes/em parte, razoavelmente. Das respostas apresentadas, 44,26% indicaram que não e 31,14% indicaram que sim, 13,11% razoavelmente e 11,47% às vezes/em partes. As respostas estão apresentadas conforme gráfico 5.

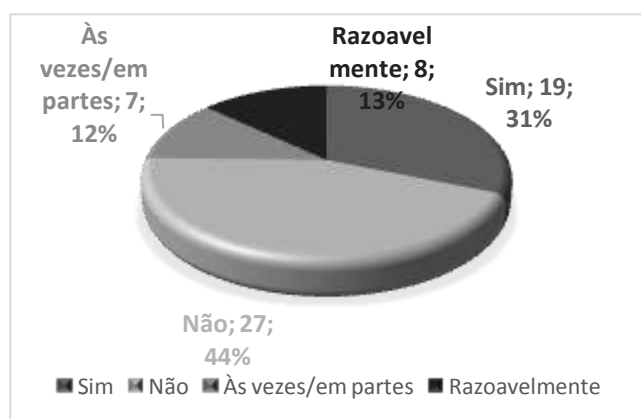


Gráfico 5- Distribuição das respostas da pergunta “**Você percebe muitas brigas ou desentendimentos no *campus*? Explique sua resposta.**”

Os alunos elucidaram as seguintes respostas quanto a categoria “Não”: “As brigas ou desentendimentos são raros de acontecer, pois quando alguém não gosta de uma pessoa, evita-se o contato direto com a mesma a fim de não se aborrecer e acabar arrumando confusão” e “Não, acho que aqui somos mais amigos por um sempre precisar do outro”. Assim, pode-se perceber que 44% dos alunos valorizam os amigos que tem dentro do *campus*. Vinha (2000) afirma que desde o início da humanidade já existiam as regras para se obter um bom convívio com as pessoas, principalmente para as que dividem um mesmo espaço. A adaptação é constante, pois se encontram pessoas com pensamentos diferenciados e a prática da cooperação torna-se necessária para a boa convivência. Entretanto, alguns alunos não conseguem se adaptar facilmente e provocam conflitos.

Conforme apresentado no gráfico 5, 31% das respostas disseram que “Sim”, que percebem muitas brigas ou desentendimentos dentro do *campus*. Respostas que merecem destaques são: “Sim, vejo muitas ofensas, principalmente quando se trata de competições como outras turmas”; “Sim, em relação aos cursos”; “Sim, algumas pessoas se acham melhor que as outras e mais importantes, mas não são, por isso ela brigam”; “Por causa de rixa entre cursos e por estudar muito e os nervos estarem a flor da pele”. A vida em sociedade propõe construção e cumprimento de regras para possibilitar o diálogo, a cooperação e a troca entre integrantes de um grupo social (VINHA, 2000). Dentro do *campus* Bom Jesus há regras

impostas pela equipe dirigente e que nem sempre agradam os alunos, gerando descontentamento e insatisfação. Observa-se, também, nos resultados desta pesquisa, que, assim como a possibilidade de conviver com amigos o maior período de tempo possível é visto pelos alunos como um aspecto positivo, verifica-se que os aspectos negativos estão estreitamente relacionados com as particularidades da convivência em grupo.

Dessa forma, os pesquisados afirmaram que apesar de serem poucas as brigas e ou desentendimentos, foram destacados como aspectos negativos presentes em seu cotidiano, os quais gostariam que não existissem. Esses resultados corroboram com Trovisco (1998), que compreende as relações humanas como sendo afetadas pelo espaço físico onde se desenvolvem.

Dayrell (2007) destaca que, no seu cotidiano, a escola convive com uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos: alunos, professores, funcionários, pais; que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias, individuais ou coletivas, de transgressão e de acordos; um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar.

A nona pergunta do questionário, “**Você está satisfeito com o relacionamento com seus professores? Por quê?**”, teve como finalidade investigar se os alunos estão satisfeitos com o relacionamento interpessoal com os professores e o motivo dessa satisfação. Das respostas obtidas, 49,19% indicaram que sim, 45,90% indicaram que não e 4,91% disseram em partes, sendo apresentadas no gráfico 6.

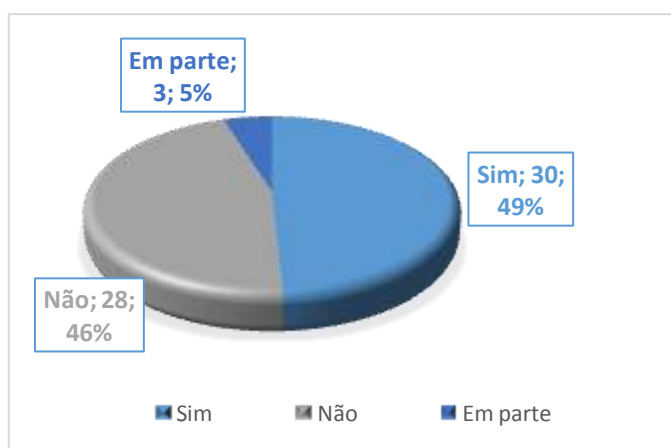


Gráfico 6- Distribuição das respostas da pergunta “**Você está satisfeito com os relacionamentos com seus professores? Por quê?**”

As justificativas referentes as respostas Sim foram as seguintes: “pois os professores com os quais me relaciono são agradáveis para conversar e ter por perto”; “Eles são tão amigos quanto professores”; “Gosto muito de todos eles e acho que eles fazem bastante esforço para se relacionar bem com a gente”; “Porque são pessoas brilhantes pelos simples fato de serem professores, por estarem participando da formação de várias pessoas”; “De forma geral, se preocupam com nosso futuro, como trazer inspiração e são competentes aos nos ensinar”; “No Iff, os professores se mostram abertos ao diálogo, o que facilita a interação com os alunos, que acabam muito mais satisfeitos”.

Através do conjunto de respostas dadas pelos alunos e pelos resultados dos estudos sobre relações interpessoais entre professores e alunos, um dos fatores fundamentais para o estabelecimento de boas relações é a satisfação. Csikszentmihalyi (1999) aponta que “é nesse espaço público que os atos do indivíduo são avaliados pelos outros, onde ele compete por recursos e onde é possível estabelecer relacionamentos de colaboração com os outros” (p.22).

Csikszentmihalyi ainda acrescenta ser este o espaço mais importante para que a pessoa desenvolva seu potencial, apesar de os riscos serem maiores, também é onde ocorre o maior crescimento pessoal.

Estabelecer boas relações com os alunos é o primeiro passo para se obter um bom ambiente de trabalho. Para que as aulas sejam produtivas e interessantes para o aluno, ele precisa sentir-se à vontade com o professor, e isso irá facilitar seu envolvimento nas atividades e a construção dos conhecimentos com relação aos conteúdos trabalhados. O professor precisa ter amor pelo que faz e por quem ensina. Saber que seu trabalho é importante, estar sempre refletindo sobre seu papel como educador e sua influência na vida dos alunos.

O relacionamento que construímos com nossos alunos é a porta de entrada para o sucesso pessoal e profissional, pois muitas vezes conseguimos ensinar melhor quando há respeito mútuo entre ambos, quando convivemos num ambiente harmonioso, onde as pessoas se respeitam e trocam afetos, o convívio se torna positivo, e passamos a fazer nossas atividades de forma prazerosa e com mais satisfação.

De acordo com Csikszentmihalyi (1992, p.234), “os estudos do *flow* demonstraram repetidamente que, mais do que qualquer outra coisa, a qualidade de vida depende de dois fatores: da maneira como vivenciamos o trabalho, e de nossas relações com outras pessoas”. Estas características envolvem as pessoas, fazendo com que se concentrem e se sintam absorvidas pelas tarefas, tal como as atividades do *flow*. Assim, para que se possa alcançar uma vida de satisfações, segundo Csikszentmihalyi (1992), há que se conseguir ter controle direto da experiência, ou seja, a capacidade de obter, instante a instante, prazer com o que se faz, pois, de todas as virtudes que se pode aprender, nenhuma se caracteriza como mais útil, mais essencial à sobrevivência e mais capaz de melhorar a qualidade de vida do que a capacidade de transformar a adversidade num desafio gerador de satisfação (SELIGMAN, 2004).

Cabe ressaltar que 45,90% das respostas apontam que os alunos não estão satisfeitos com os professores do *campus*, evidenciando as seguintes respostas: “dificuldades de aproximação e relacionamento”; “superioridade”; “arrogância”; “ignorantes e prepotentes”. Diante das respostas obtidas, observou-se que os alunos gostariam que as relações interpessoais entre professor e aluno fossem melhores.

Em qualquer ambiente, as relações precisam ser positivas para um bom rendimento do profissional. Nas escolas, em decorrência de muitos problemas existentes na educação, muitas vezes, o que encontramos são professores e funcionários desgastados e estressados. Esses fatores podem tornar as relações entre as pessoas superficiais e gerar um afastamento entre os próprios colegas de trabalho. Se as relações na escola, de uma forma geral, não estiverem boas, o professor na sala de aula não fará um bom trabalho, e seu relacionamento com os alunos também poderá ficar comprometido.

A décima pergunta do questionário, “**Como é seu relacionamento com os servidores do *campus*?**”, objetivou investigar como é o relacionamento dos alunos com os servidores do *campus*. Das respostas obtidas, 45% indicaram regular/razoável, 30% indicaram que é bom, 10% disseram ótimo/excelente, 10% não conheço e 5% de respeito sendo apresentadas no gráfico 6.

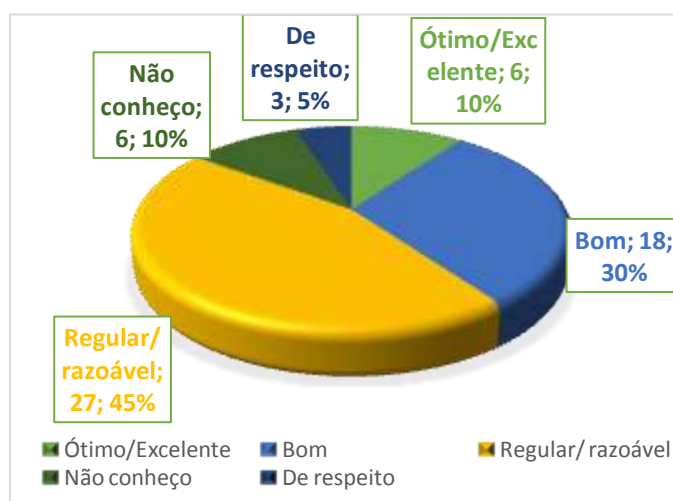


Gráfico 7- Distribuição das respostas da pergunta “Como é seu relacionamento com os servidores do *campus*?”

Como observado no gráfico 7, 45% (F=27) dos alunos afirmaram ser regular/razoável o relacionamento com os servidores do *campus*. Muitas vezes, devido às atribuições do dia a dia, esquecemos de empregar valores essenciais para manter as relações com as outras pessoas. Essas atitudes vão tornando as relações mais superficiais e as pessoas vão se distanciando, o que contribui para a falta de estímulo e satisfação, pois o contato com o outro traz a segurança de que não estamos sozinhos nessa tarefa nada fácil. Muitos se fecham no seu mundo, impedindo o diálogo. Isso é um ponto negativo, pois o convívio agradável, a troca de experiências e a possibilidade de contar com o outro nos momentos de dúvida e busca de possibilidades, acrescenta à educação um caráter mais humanista.

Mosquera e Stobäus (2004) alertam que “grande parte dos problemas que um docente enfrenta podem ser provenientes de um ambiente hostil, podendo este se tornar ainda mais hostil quando se trabalha com pessoas diversas” (p.93), corroborando com a Psicologia Positiva que aponta que uma escola positiva é aquela que respeita a diversidade e é inclusiva.

A décima primeira pergunta do questionário, “**Como você avalia o relacionamento entre os servidores dentro do *campus*? Por quê?**”, buscou identificar como os alunos avaliam o relacionamento dos servidores dentro do *campus* apresentando as justificativas. As respostas estão dispostas no gráfico 8.

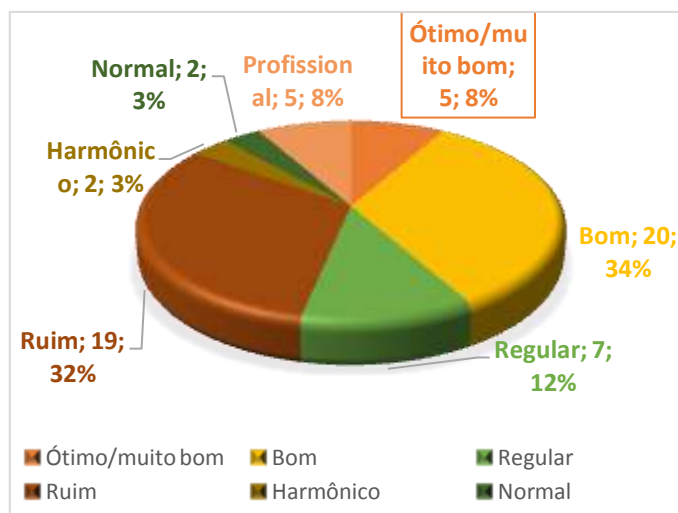


Gráfico 8- Distribuição das respostas da pergunta “Como você avalia o relacionamento entre os servidores dentro do *campus*? Por quê?”

Conforme apresentado no gráfico 8, 34% (F= 20) alunos disseram ser “bom” o relacionamento dos servidores dentro do *campus*. Apresentaram as seguintes justificativas: “Bom, acredito que se tratem bem e com o devido respeito, sempre os vejo conversando”; “Bom, pois nunca vi e nem soube de nenhum problema do gênero ou atritos”; “ Bom, pois nunca vi desentendimento dos mesmos”. Quando os servidores de uma escola se relacionam bem, há grandes chances de se alcançar uma estrutura forte e funcional nesse meio. É necessário que haja um bom entendimento entre toda a equipe da escola, pois existindo comunicação e respeito tudo funciona melhor: as normas são discutidas, as sugestões dadas pelos colegas são levadas em consideração e todos tentam usar uma mesma linguagem com seus alunos, o que faz com que eles não se sintam perdidos.

O sucesso de uma relação satisfatória implica em trabalhar com “espírito de equipe”, exigindo esforço conjunto das pessoas, favorecendo a motivação, cooperação e colaboração entre o grupo, com objetivo de melhorar o processo pelo qual elas trabalham juntas.

A décima segunda pergunta, “**O que traz mais satisfação para você dentro do *campus*? Por quê?**”, teve como finalidade saber a satisfação aos alunos dentro do *campus*. As respostas foram agrupadas nas seguintes categorias: Relações Interpessoais, Ensino, Alimentação, Atividades de Lazer e Outras como mostra a tabela 6.

Tabela 6- “ O que traz mais satisfação para você dentro do *campus*? Por quê ”

Categorias	Frequências Simples	Frequências Percentuais
Relações Interpessoais	28	45,90
Ensino	23	37,70
Alimentação	4	6,56
Atividades de Lazer	3	4,92
Outras	3	4,92
TOTAL	61	100,00

Na categoria “Relações Interpessoais”, num total de 45,90% (F=28) das respostas dos alunos, destacaram-se: “Os amigos, pois são amizades que irei levar por toda a vida”; “Os momentos que passo com meus amigos, porque são momentos que não voltarão mais”; “As amizades feitas, pois são relacionamentos que vão durar mesmo após o termino dos estudos”.

É importante que seja destacado que algumas respostas encontradas na categoria “Relações Interpessoais” buscavam o *flow*, como a convivência com os amigos e atividades de ensino, tais como: “estágio com os meus amigos”; “praticar esportes”; “participar de atividades extraclasse” e “viagens”. Estas atividades proporcionam experiências afetivas positivas, sensação de bem-estar por pertencerem a um grupo de pares, já que interação com pessoas conhecidas não exige grande esforço e tendem a minimizar as tensões.

A categoria “Ensino” fez um total de 37,70% (F=23), e as respostas referiram a qualidade do ensino que é adotado pelo *campus*. Destacaram-se as respostas: “O nível da educação que nos é oferecida”; “A qualidade do ensino, pois sei que poderei sair do *campus* bem preparado”; “A educação, pois considero de ótima qualidade já que professores são altamente capacitados”. A partir destas respostas, cabe a reflexão sobre a densidade do currículo e carga horária adotada nos cursos.

No geral, mesmo com algumas queixas e reclamações, pôde ser notado que os alunos gostam de estudar nesta instituição, sentem-se privilegiados por estarem em uma Instituição de Ensino federal bem-conceituada, muitos estão seguindo uma tradição familiar, onde pai e avô estudaram nesta mesma escola, sendo, assim, motivo de orgulho.

Outras categorias que elencaram foi “Alimentação” “Atividades de Lazer” e “Outras” perfazendo um total de 16,40% (F=10), sendo visto como atividades que causam satisfação para os alunos dentro do *campus*.

Da mesma forma que as Relações Interpessoais e o Ensino foram vistas pelos participantes como aspectos que dão satisfação, “comida grátis do almoço”, “viagens”; “eventos escolares e a pratica de atividades relacionadas ao curso”; “concursos musicais”; “oportunidades que o *campus* oferece diferente da rede pública estadual”, foram percebidos como aspectos positivos que trazem satisfação.

Como ressaltam Sarriera, Tatim, Coelho e Bucker (2007), o tempo livre, quando utilizado de forma adequada, pode auxiliar relações interpessoais, construção da independência emocional, compreensão dos processos psíquicos, adoção de valores e desempenho social. Ou seja, pode contribuir com o desenvolvimento da personalidade. Assim, as atividades de lazer, que, geralmente, envolvem esportes, podem ajudar os adolescentes a atingirem a experiência máxima discutida por Csikszentmihalyi (1999), como os momentos excepcionais em que o que sentimos, o que desejamos e o que pensamos se harmonizam. O *flow* acontece quando o indivíduo consegue se concentrar em um conjunto de metas compatíveis com suas habilidades e que lhe oferece *feedback* imediato de seu desempenho.

A décima terceira pergunta, “**De uma maneira geral, você acha que as relações interpessoais dentro do *campus* são boas? Por quê?**”, buscou investigar de forma geral como andam as relações interpessoais dentro do *campus*. As respostas figuram no gráfico 9, nas categorias sim(47,00%) e não (33,00%) e em parte (20,00%).

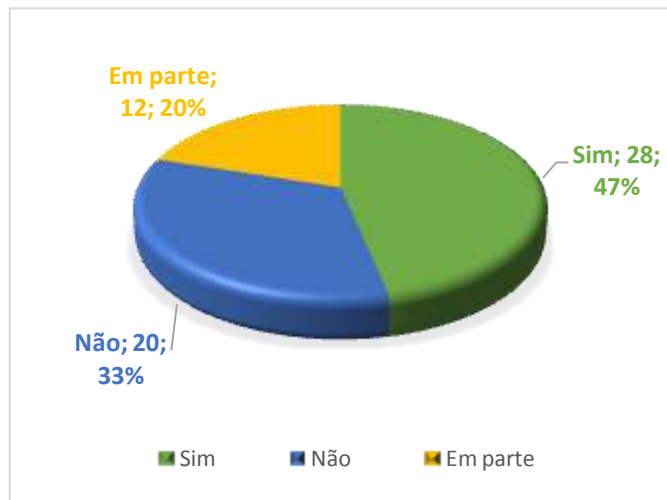


Gráfico 9- Distribuição das respostas da pergunta “De uma maneira geral, você acha que as relações interpessoais dentro do *campus* são boas? Por quê? ”

As justificativas das respostas dadas pelos alunos, com referência ao “sim” e “em parte” foram agrupadas nas seguintes categorias: Valores Humanos, Relações Interpessoais e Convivência. A tabela 7 mostra as respostas dessas categorias.

Tabela 7- Justificativas

Categorias	Frequências Simples	Frequências Percentuais
Convivência	16	26,80%
Valores Humanos	13	21,77%
Relações Interpessoais	11	18,43%
TOTAL	40	67,00%

As respostas referentes ao “sim” e “em parte” mostraram que 26,80% (F=16) das justificativas dos alunos foram em relação à “Convivência” oriundas no dia a dia dentro do *campus*. Dentro das respostas encontradas na categoria destacaram-se: “aparenta respeito um com os outros”; “há um convívio com as mesmas pessoas todos os dias, então estas relações acabam se tornando cada vez melhor”; “as pessoas na maioria são boas e, portanto, levam a criar um ambiente agradável para as relações”.

A Psicologia Positiva faz dos termos positivo e negativo para qualificar as emoções. Devemos entender as chamadas “emoções positivas” como sendo aquelas que favorecem a aproximação, e conseqüentemente, a convivência com o outro, enquanto que as “emoções negativas” fazem ao contrário (Fredrickson, 2001).

Estas respostas corroboram com Seligman (2002), o primeiro passo é entender que nossas emoções positivas estão ligadas ao passado, ao futuro ou ao presente. Ao conhecer o modo como sentimos (passado), pensamos (futuro) e vivemos (presente), podemos redefinir nossas emoções, direcionando-as de maneira mais positiva.

É preciso focar nas forças pessoais motivadoras, o que representa ter emoções positivas e alimentá-las, cultivar relacionamentos saudáveis, estar engajado fazendo aquilo que

lhe é prazeroso, e, essencialmente identificar o propósito de vida. Este último item parte de um poderoso autoconhecimento, onde a pessoa pode conhecer sua essência, focar em suas qualidades, pontos fortes e buscar minimizar os pontos de melhoria para ter uma vida melhor.

Na categoria “Valores Humanos”, com 21,77% (F=13) da totalidade das respostas, destacaram-se as seguintes respostas: “as pessoas dentro do *campus* são educadas e companheiros”; “tentam manter ética”; “Em geral há muito respeito”. Observando as respostas relativas à categoria valores, percebe-se que os alunos estão apontando para comportamentos aceitáveis, éticos, como sendo responsáveis por momentos agradáveis ou desagradáveis quanto às relações interpessoais dentro do *campus*. Segundo Gonçalves (2006), a associação da felicidade com os valores constitui-se em um fato relevante a ser apontado, já que estes são importantes para a felicidade porque norteiam pensamentos, sentimentos e comportamentos, indicando atitudes a serem seguidas e discriminando o certo do errado. Os valores permeiam toda a vida das pessoas. E, nessas situações, a família, os amigos e as pessoas importantes são fundamentais para a construção e expressão dos valores, evidenciando, assim, a importância das relações interpessoais na edificação dos valores (GONÇALVES, 2006).

As “Relações Interpessoais” também foram percebidas pelos alunos nas respostas das justificativas, totalizando por 18,43% (F=11) como boas, destacando-se as seguintes: “nota-se que a maioria das pessoas do *campus* seja aluno, servidor, professor, tentam manter uma boa relação interpessoal para que nosso *campus* continue sempre melhorando”; “percebo que existem muitas relações de amizade sim, pois as pessoas se relacionam de maneira harmoniosas”; “estou feliz lá. É fácil fazer amizades”. Todas as justificativas das repostas, são capazes de gerar *flow*. A presença de amigos deixa os indivíduos mais felizes, proporciona experiências prazerosas e ajudam a atingir o *flow*. O *flow* é atingido somente quando os indivíduos fazem o que gostam e há equilíbrio entre desafios e habilidades. Desta forma, as respostas indicam que as relações interpessoais dentro do *campus* são boas.

A décima quarta pergunta do questionário, “**Se você acha que precisa melhorar, que sugestões você aponta?**”, teve como finalidade averiguar se os alunos apontariam sugestões para melhorar as relações interpessoais dentro do *campus*. As respostas foram agrupadas nas categorias: Atividades de Lazer, Atividades Acadêmicas, Relações Interpessoais, Infraestrutura e Outras, conforme apresenta a Tabela 8.

Tabela 8- “Se você acha que precisa melhorar, que sugestões você aponta?”

Categorias	Frequências Simples	Frequências Percentuais
Atividades de Lazer	20	30,33
Relações Interpessoais	17	25,75
Atividades Acadêmicas	15	22,72
Infraestrutura	11	16,66
Outras	03	4,54
TOTAL	66	100,00

Pode-se verificar na Tabela 8 que 30,33% (F=20) das respostas dos alunos apontam que precisam melhorar as “Atividades de Lazer”, 25,75% para que as relações sejam ótimas dentro do *campus*. Destaco as seguintes respostas na categoria “Atividades de lazer”: “Melhorar o *campus* com salão de jogos, programações especiais semanalmente e um incentivo maior ao esporte”; “estimular a participação dos alunos em jogos e brincadeiras de

modo que favorecer o contato entre os alunos, professores, proporcionando mais integração”; “haver programas na escola que unissem mais os alunos através dos eventos”. Os alunos voltaram a afirmar que há necessidade de mais atividades de lazer. Observou-se que os alunos gostariam de novas atividades, contando com a organização de toda equipe escolar do *campus*. Novas atividades são importantes para gerarem novos desafios para que esses alunos não fiquem afundados no marasmo.

As respostas dadas à décima terceira pergunta nos confirma que, no geral, os alunos estão satisfeitos com as relações interpessoais dentro do *campus*, porém, gostariam de algumas mudanças e a maioria delas está relacionada com atividades de lazer. O tempo livre deve ser preenchido com atividades que nos ajudem a atingir o *flow*, sendo importante para os alunos terem à sua disposição atividades como esportes, hobbies, enfim, atividades que proporcionem o desenvolvimento do *self* (CSIKSZENTMIHALYI, 1999) na medida em que é esse tempo livre que desperta o interesse e a curiosidade para apreciar a vida por si mesma (MARCELINO, GONÇALVES, 2012).

Dentro das instituições de ensino, a educação é primordial para o desenvolvimento e o lazer se apresenta como um instrumento para impulsionar o indivíduo a se desenvolver e aperfeiçoar seus interesses e responsabilidade. As práticas de lazer ativo, como esportes, dança e atividades culturais proporcionam benefícios físicos e emocionais, pois além de propiciarem prazer e diversão, também trazem bem-estar e saúde.

As respostas dentro da categoria “Relações Interpessoais” totalizaram 22,72% (F=15) e demonstraram que apesar de acharem boas as relações dentro do *campus*, muita coisa ainda precisa melhorar. Ressaltaram que “precisa melhorar é com relação aos alunos que ficam mais isolados”; “deveriam ser estimulados a se aproximar de outros alunos”; “melhorar a relação entre professor e aluno”. Isso demonstra o que Gonçalves (2006) destaca sobre as amizades entre os adolescentes: propiciam situações ímpares de realização e de sentimento de elevada autoestima e de sucesso; as atividades do *flow* estão presentes em inúmeras características das relações interpessoais: a atenção volta-se para o outro, este impõe metas e oferece um retorno, a interação apresenta desafios que são confrontados com as habilidades de quem interage.

A categoria “Atividades Acadêmicas” totalizou 22,72% (F= 15) das respostas, destacando-se as que seguem: “mais integração entre os cursos”; “aumentar as horas de estágio”; “maiores investimentos em viagens técnicas”; “os horários têm que ser mais distribuídos, pois algumas aulas que são cansativas e maçantes, são todas nos mesmos dias”; “atividades integradoras”. Vale ressaltar que muitos alunos apontaram como sugestões para melhorar as relações interpessoais, o trabalho com mais atividades acadêmicas onde atividades extraclasse sejam mais frequentes, favorecendo assim, as relações entre estes.

Nas categorias “Infraestrutura e Outras”, as respostas dos alunos totalizaram 21,20% (F=14) e as sugestões apresentadas foram as seguintes: “mais espaços para os alunos passarem os tempos dos intervalos”; “uma área de convivência, onde vai estimular a participação dos alunos em jogos e brincadeiras de modo que favorecer integração”; “programas na escola que unissem mais os alunos”; “as salas de aula não deveriam ficar fechadas nos intervalos”; “melhorar a estrutura do refeitório e dos setores de área técnica e prática”; “ ter sabonete nos banheiros, internet melhor, aumentar o espaço da biblioteca, colocar mais livros e espaço climatizado”; “banheiro na quadra, investir na segurança e comunicação”. São atividades denominadas por Csikszentmihalyi (1999) como atividades de manutenção. Os alunos aludem melhorias na infraestrutura, para que novas atividades sejam implantadas no *campus*, favorecendo, assim, as relações interpessoais.

Diante do contexto apresentado pelos alunos, é importante que sejam realizadas melhorias das atividades do *campus* em Jesus do Itabapoana, tanto atividades de lazer passivo, como, principalmente, de lazer ativo, com implantação de atividades que levem ao *flow*, pois, como afirma Csikszentmihalyi (1999), a qualidade de vida não depende apenas da

felicidade, mas daquilo que a pessoa faz para ser feliz.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÃO

Ao iniciar esse trabalho, explicitarei na introdução o que me motivou a realizá-lo, foi a observação de como se estabeleciam as relações interpessoais entre professores e alunos, as quais percebia como conflitivas, intempestivas e com pouca resolutividade. Que com o passar do tempo, vem aumentando a cada dia e grau de dificuldades e insatisfação.

Essa observação resultou em inquietação que me impulsionou a utilizar conhecimentos a respeito dos fatos evidenciados, onde, propus buscar novos referenciais teóricos que sustentassem no desenvolvimento de um trabalho com enfoque nessa temática, vislumbrando a melhoria da qualidade e satisfação das relações interpessoais dos alunos dos Cursos Integrados e professores dentro do *campus*.

Entretanto, tinha a consciência de que se trataria de tarefa difícil e na qual teria de traçar uma metodologia de trabalho para agir de maneira a contribuir com os atores envolvidos. Nos estudos teóricos que embasaram essa investigação, verifiquei que o adolescente se encontra em uma fase peculiar do desenvolvimento devido às grandes transformações biológicas, sociais e psicológicas que enfrenta em um curto espaço de tempo.

Ainda, verifiquei que os servidores do *campus*, entre eles, professores, alunos e técnicos-administrativos, representam um importante aliado, para ajudar esses adolescentes na vivência dessa fase do desenvolvimento humano, tendo em vista que é nesse local que ele pode ter referenciais sadios, modelo para sua vida pessoal e profissional advindo da educação oferecida pelos profissionais da educação desse *campus*. É um local privilegiado, pois o adolescente passa aproximadamente 40% do seu dia interagindo com os colegas, professores e outros atores da comunidade escolar. Nesse sentido, o professor também é responsável pela educação e qualidade das relações que este adolescente possui com a sociedade.

A relevância deste trabalho foi considerada pela perspectiva de ser dada, pela primeira vez no Instituto Federal Fluminense—*campus* om Jesus do Itabapoana, a possibilidade de se investigar a satisfação dos alunos dos Cursos Técnicos quanto às “relações interpessoais” e se obter maior nível de sistematização, e participação, numa estratégia que conduza à eliminação dos possíveis efeitos negativos, na formação pessoal e profissional de seus alunos.

Saber ouvir os alunos foi um processo de fundamental importância para a compreensão de como sua subjetividade e seu desenvolvimento estão se configurando a partir da experiência de vida nesse contexto e da sua interação com os outros alunos e servidores no ambiente escolar

Ao escutar cada aluno, através de questionários, foi possível conhecer aspectos comuns e particulares de suas experiências dentro do *campus*. Esses aspectos, por sua vez, não só confirmaram a forma como a temática pesquisada vem sendo descrito na literatura, mas também serviram para despertar a atenção para os aspectos positivos, destacados pela literatura pesquisada.

Conforme visto nesta pesquisa, apesar das relações interpessoais, das atividades acadêmicas realizadas, do lazer oferecido, dos vínculos afetivos, das amizades conquistadas, é possível destacar a importância desse período de suas vidas, levando ao desenvolvimento dos sentimentos de cooperação, solidariedade e identidade grupal, além da intimidade e da autonomia em administrarem a própria vida.

Segundo Gonçalves (2006), e nessa direção, conforme propõe a Psicologia Positiva, as pesquisas sobre bem-estar subjetivo são fundamentais já que, segundo Diener (1984), é importante que se compreenda como ajudar as pessoas a terem uma vida boa, plena de momentos prazerosos, pois não se pode desprezar a importância da felicidade para a

construção de instituições sólidas. Da mesma forma, Seligman e Csikszentmihalyi (2000) afirmam que a Psicologia deve ter uma preocupação muito além da saúde e da doença, deve voltar-se para educação, trabalho, amor e crescimento.

Portanto, a ciência e a prática da Psicologia Positiva estão direcionadas para a identificação e compreensão das qualidades e virtudes humanas, bem como para o auxílio no sentido de que as pessoas tenham vidas mais felizes e mais produtivas. Ressalta, ainda, que existem caminhos diferentes que levam a felicidade e que a sensação de bem-estar depende das emoções positivas da pessoa.

Em uma sociedade positiva, as pessoas seriam mais felizes, autônomas, independentes, não tão facilmente manipuladas por ameaças ou recompensas externas (GONÇALVES, 2006). Assim, constituiriam atividades mais sólidas, como amizade, família, educação, trabalho, relacionamentos, formando um ciclo, que poderiam vir a formar outras nas mesmas condições, constituindo-se assim, um ciclo de indivíduos positivos.

Diante do contexto apresentado pelos alunos no decorrer da pesquisa, foi apontado que inúmeras atividades necessitam ser repensadas, reformuladas e melhoradas, para que as relações não se tornem um marasmo, deixando de serem prazerosas, causando assim insatisfação.

A necessidade de atuação com os professores para que seja melhorada a qualidade das relações interpessoais estabelecidas no meio escolar é algo que precisa ser aprimorado. É necessário que os professores também desenvolvam relações que incluam atenção, dedicação, conforto, paciência e sensibilidade, além da transmissão dos conteúdos curriculares, pois isso foi descrito pelos alunos.

Os alunos almejam coisas diferentes e que não podem ser organizadas sem a instituição, tais como: jogos esportivos, recreações nos intervalos das aulas, áreas de lazer, atividades físicas no geral, visitas técnicas, gincanas, atividades culturais, dança, dentre outras sugeridas. São inúmeras as atividades que envolvem o lazer ativo, que auxiliam no fortalecimento das relações interpessoais e da saúde física, pois enquanto os alunos realizam essas atividades, além de proporcionar prazer também causam sensação de relaxamento, ajudando a minimizar o impacto das atividades acadêmicas diárias, bem como o estresse gerado no seu dia a dia. Pois, como afirma Csikszentmihalyi (1999), o lazer inclui as experiências mais positivas do dia, pois é durante o lazer que as pessoas se sentem mais motivadas e dizem que querem fazer o que estão fazendo. É durante o lazer ativo que as pessoas ficam mais concentradas e felizes e entram mais vezes em *flow* do que qualquer outro momento do dia.

Portanto, é importante que sejam realizadas melhorias das atividades oferecidas aos alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do *campus* Bom Jesus do Itabapoana, tanto atividades de lazer ativo e passivo, como, principalmente, a implantação de atividades que levem ao *flow*, pois, como afirma Csikszentmihalyi (1999), a qualidade de vida não depende apenas da felicidade, mas daquilo que a pessoa faz para ser feliz.

Ao finalizar esse trabalho, que contou com alunos dos Cursos Técnicos Integrados do IFFluminense- *campus* Bom Jesus do Itabapoana como participantes, vislumbro novos rumos para o estudo a respeito da proposta apresentada, baseado na Psicologia Positiva, pois compreendo que são essenciais para experiência do bem-estar. O trabalho vai além do modelo, podendo ser exercido em qualquer lugar, a fim de ajudar qualquer pessoa, em toda sua amplitude, gerando satisfação, inclusive na aprendizagem.

O resultado dessa investigação teve uma importante significação prática, pois de um lado se constituiu numa forma de materializar avanços no estudo sobre “satisfação nas relações interpessoais” e seus impactos na vida escolar; por outro, a aplicação de estratégias interventivas que possam utilizar as experiências positivas, como recurso para a melhoria das

condições dessa Instituição de ensino e garantia de avanços na qualidade de vida pessoal e profissional de toda comunidade escolar.

Os objetivos da pesquisa, tanto o geral quanto os específicos, foram integralmente atingidos e podem ser evidenciados através dos registros desta experiência, que favoreceu a compreensão da importância de se realizar estudo sobre “satisfação dos alunos nas relações interpessoais no campus”. Não é pretensão esgotar aqui o assunto, pois o mesmo merece maior aprofundamento frente às infinitas e complexas questões que permeiam o referido tema.

Existe a necessidade da implantação de novas ações para que o que foi apontado pelos alunos como sugestões, seja trabalhado e tragam satisfação, desafios e prazer. Como afirma Seligman (2004, p.11), os alunos do IFF – *campus* Bom Jesus do Itabapoana querem “(...) vidas cheias de significado, e não somente um dia após o outro(...)”.

Almeja-se que, em estudos e pesquisas posteriores relacionadas às relações interpessoais, do IFFluminense – *campus* Bom Jesus do Itabapoana, investiguem-se outros aspectos também considerados importantes por nós, enquanto pesquisadora e Pedagoga/Orientadora deste *campus*.

10. - REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência Normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981, 9ª Edição.
- ABERASTURY, A. **Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- ABERASTURY, A. et al. **Adolescência**. Tradução Ruth Cabral. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. 246 p.(Biblioteca Artes Médicas).
- ABRAMO, Helena Wendel, (1994). **Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: ANPOCS/Scritta.
- AMAMBAHY, Karmem Abreu Silva. **Relações Interpessoais**. Publicado em 01/07/2009. Disponível em <http://www.artigonal.com/authors/180043>. Acesso em 01/09/2010.
- ARGYLE, M. (1989). **The psychology of happiness**. New York: Routledge.
- ARGYLE, M. (1997). **Is happiness a cause of health? *Psychology and Health*, 12, 769-781.**
- ARGYLE, M.; MARTIN, M. (1991). **The psychological causes of happiness**. In: STRACK, F.; ARGYLE, M.; SCHWARZ, N. (Eds.) *Subjective well-being*. (Pp.77-100) Great Britain: Pergamon Press.
- ARIÈS, P. (1978) **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zabar Editores.
- ARIÈS P. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 1986.
- AQUINO, Stela; et al. **Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis Sociais**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro: ENSP, v. 19, s. 2, 2003. p. S377-S388.
- BALEEIRO, M.C. et. al. **Sexualidade do adolescente – Fundamentos para uma ação educativa**. Salvador: Fundação Odebrecht e Secretaria de Educação do Estado da Bahia, 1999.
- BARDIN, **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições Stna, 2011.
- BECKER, D. **O que é a adolescência?** 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 98 p. (Coleção Primeiros Passos).
- BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, M. Graça M; FURTADO, Odair. **Psicologia sócio histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 2 eds., rev. São Paulo: Cortez, 2002. 224 p.
- BRUNER, J. **A cultura da educação**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000. 81 p.; (Folha explica).
- CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 157 p.

- CASTRO, L. R. **Infância e adolescência na cultura de massa**. Rio de Janeiro: Nau, 1998.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- CHIZZOTTI, A. **A pesquisa e seus fundamentos filosóficos**. 2005. (no prelo).
- CLERGET, Stéphane. **Adolescência: a crise necessária**. Tradução de Maria Angela Villela. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- COSTA, J.T. **Isolamento e Vínculo nas Relações de Internato**. In: MONTEIRO, R.C.; GONÇALVES, S.M.M. **Internato na formação agrícola**. Seropédica: Edur, p.15-36, 2012.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. **A psicologia da felicidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **A Descoberta do fluxo**. Rio de Janeiro: Ciência Atual, 1999.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. **Gestão qualificada**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Educação e Sociedade, Campinas, 2007.
- DENARI, F. E. **O adolescente especial e a sexualidade: nem anjo, nem fera**. 1997. 182 p. Tese (Doutorado em Educação Especial). Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 1997.
- DIENER, E. Subjective well-being. **Psychological Bulletin**, 95, 542-574, 1984.
- DIENER, E.; SANDVIK, E; PAVOT, W.; FUJITA, E. (1990). **Extraversion and subjective Well-being in a U.S. national probability sample**. *Journal of Research in Personality*, 26, 205-2215.
- DIENER, E.; DIENER, C. (1996). **Most people are happy**. *Psychological Science*, 7, 181-184.
- DIENER, E. (2000). **Subjective well-being: The science of happiness and a proposal for a national index**. *American Psychologist*, 55, 34-43.
- DIENER, E.; SUH, E.M.; LUCAS, R.; SMITH, H. **Subjective well-being: three decades of progress**. **Psychological Bulletin**, n. 125, p.276-302, 1999.
- DIENER, E.; OISHI, S. (2000). **Money and happiness: Income and subjective well-being across nations**. In: DIENER, E.; SUH, E.M. (Eds.). *Culture and subjective well-being*. (pp.185-218), Cambridge: MIT Press.
- DIENER, E., &SELIGMAN, M. (2003). **Very happy people**. *Psychology Science*, 13, 81-84.
- DIENER, E.; SELIGMAN, M.E.P. Beyond money: Toward an economy of wellbeing. **Psychological Science in the Public Interest**, 5, 1-31, 2004.

DIENER, E.; OISHI. **The nonobvious social psychology of happiness**. Disponível em <http://www.psych.uiuc.edu/~ediener/hottopic/nonobvious.htm>. Acesso em 26/01/2013.

DOLTO, F. (1986). **La cause des enfants**. Paris: Robert Laffont.

EMMONS, R. A. (1986). **Personal strivings: An approach to personality and subjective well-being**. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 1058-1068.

ERIKSON, E. H., **Infância e Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro, Zahar, 1972

ERIKSON, Erik Homburger. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FIERRO, A. **Personalidad: sistema de conductas**. México: Trilhas, 1983.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo. Edições Loyola, 1996.

FREDRICKSON, B. **The role of positive emotions in Positive Psychology: The broaden-and-build theory of positive emotion**. *American Psychologist*, v.56, p. 218-226, 2001.

GIKOVATE, F. **Sexo e amor para os jovens**. 8. ed. São Paulo: MG Ed. Associados, 1977. 239 p.

GOLDENSTEIN, E. **Adolescentes, a idade da razão e da contestação**. 3. ed. São Paulo: Gente, 1995. 100 p.

GOMES, L.G.N; JUNIOR, N.D.S. (2007) **Experimentação política da amizade: alteridade e solidariedade nas classes populares**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (2), pp. 149-158. (Disponível em www.scielo.br, acessado em 24/09/2010).

GONÇALVES, S.M.M. **Aprendizagem e o Processo Afetivo**. Rio de Janeiro: UFRRJ/CEP-EB, 2005.

GONÇALVES, S.M.M., **Mas, afinal, o que é felicidade? Ou, quão importantes são as relações interpessoais na concepção de felicidade entre adolescentes**. 2006, 222f, Tese (doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

GONÇALVES H. e KNAUTH D. R. **Aproveitar a vida, juventude e gravidez**. *Rev. Antropol.* Versão impres. São Paulo, ISSN 0034-7701 v.49 n.2 jul. /dez. 2006.

INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE. **Projeto Pedagógico Institucional**, 2009.

INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE - *campus* Bom Jesus do Itabapoana. **Plano de Desenvolvimento Institucional**, 2009.

KAPLAN, L. J. **Adolescência, el adiós a la infancia**. Buenos Aires: Paidós, 1996. 342 p.

- KNOBEL, M. **A síndrome da adolescência normal**. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 9ª Edição, p.24-62, 1981.
- LARAIA, R.B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 8ª ed 1993.
- LEPRE, Rita Melissa. **Adolescência e Construção da Identidade**. (24/06/2010). Disponível em <http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl36.htm>. Acesso em 29/09/2010.
- LEVI, G; SCHIMITT, J. C. **História dos jovens: da Antiguidade à era moderna**. Traduzido por Cláudio Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 372 p.
- LEVISKY, D.L. **Adolescências pelos caminhos da violência**. São Paulo: Casa do psicólogo, 1998.
- LYUBOMIRSKY, S., King, L. & Diener, E. (2005). **The benefits of frequent positive affect: does happiness lead to success?** *Psychological Bulletin*, 131(6),803-855.
- MARCELINO, D.S.C.; GONÇALVES, S.M.M. **Momentos de Tempo Livre em um Internato: importância do lazer ativo**. In: MONTEIRO, R.C.; GONÇALVES, S.M.M. *Internato na formação agrícola*. Seropédica: Edur, p.77-97, 2012.
- MARCIA, J. (1991). **Identity and self-development**. In: *Encyclopedia of adolescence*. New York: Lerner, Petersen and Brooks-Gunn.
- MASSINI, F.; DELLE FAVE, A. (2000). **Individual development in a bioculturalperspective**. *American Psychologist*, 55, 24-33.
- MEC/SETEC. **(Re) significação do Ensino Agrícola da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica**. Documento Final, Brasília, DF, 2009.
- MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D. **O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade**. In: ENRICONE, D. (Org.). *Ser professor*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 91-107.
- MUUSS, R. E. **Teorias da Adolescência**. 4ª ed. Belo Horizonte - MG: Inter livros, 1974.
- MYERS, D.G. (2000b). **Psicologia social**. Rio de Janeiro: LTC.
- OLIOSI, Joelma Tose; ASSUNÇÃO, Renata Vale; SANT'ANA, Ruth Bernardes de. **A Amizade dos Adolescentes: A vida escolar e a formação do sujeito**. 2009. Disponível em <http://www.abrapso.org.br>. Acesso em 10/12/2010.
- OLIVEIRA, L.A.C. **O papel da família na prevenção primária precoce do uso, abuso de dependência de drogas**. *O mundo da saúde*. São Paulo, v.25, n.3, jul./set. 2001.
- OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1992.
- OZELLA, Sergio. **Adolescência: Uma perspectiva crítica**. Brasília, Conselho Federal de Psicologia, 2002.

OZZELA, Sérgio. **Adolescência: uma perspectiva crítica. Em: Adolescência e psicologia – Concepções, práticas e reflexões críticas.** Coordenação Maria de Lourdes Jeffery Contini; organização Sílvia Helena Koller. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002. 144p

PALÁCIOS, J. **O que é a adolescência.** In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 263 - 272. v. 1

PALUDO, S.S.; KOLLER, S.H. **Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões.** Paidéia. V.17, n.36, p. 9-20, 2007.

PASSARELI, P.M.; SILVA, J.A. **Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo.** Estudos de Psicologia. Campinas, 24(4), 513-517, 2007.

PEREIRA, C.A.A.; ENGELMANN, A. (1993). Um estudo da qualidade de vida universitária no trabalho entre docentes da UFRJ. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 45 (3/4), 12-48.

PEREIRA, C.A.A. Um panorama histórico-conceitual acerca das dimensões de qualidade de vida e do bem-estar subjetivo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 49 (4), 32-48, 1997.

PETERSON, C. (2000). **The future of optimism.** *American Psychologist*, 55, 44-55.

PETERSON, C. (2006). *A primer in positive psychology.* New York: Oxford University Press.

PFROMM NETO, S. **Psicologia da adolescência.** 5ª ed. São Paulo. Instituto Nacional do Livro, 1976.

POLETO, M. (2006). **Uma breve reflexão crítica sobre psicologia positiva e resiliência.** Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), 10(1), 133-143.

POSECK, B. V. (2006). **Psicologia positiva: Una nueva forma de entender la psicología.** *Papeles del Psicólogo*, 27(1), 3-8.

POSNER, J. K.; VANDELL, D.L. **After-school activities and the development of low-income urban children – a longitudinal study.** *Developmental Psychology*, v.35, n.3, p. 868-879, 1999.

PRATTA Elisângela M. M. e SANTOS M. A. **Família e Adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros.** *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.12, n. 2, 2007, p. 247-256.

RABELLO, E. T. e PASSOS. J. S. **Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento.** Disponível em <http://www.josesilveira.com> no dia 10/10/2010

REIS, H., & GABLE. S. (2001). **Toward a positive psychology of relationships.** In C. Keys, & J. Haidts, J. (Eds.), *Flourishing: The positive person and the good life.* Washington, D.C: American Psychological Association.

SALVADOR, D. **Vida acadêmica dos alunos do curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio no sistema de internado: percepções e desafios.** 2011. 58p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

SANTROCK, J. W. **Adolescência.** Rio de Janeiro: LTC, 2003.

SARRIERA, J.C.; TATIM, D.C.; COELHO, R.P.S.; BUCKER, J. Uso do tempo livre por adolescentes de classe popular. **Psicologia: Reflexão e Crítica.** v. 20, n. 3, p. 361-367, 2007.

SELIGMAN, E.P.M.; CSIKSZENTMIHALYI, M. **Positive Psychology: an introduction.** *American Psychologist.* n.55, p. 5-14, 2000.

SELIGMAN, M.E.P. **Felicidade autêntica: Usando a nova psicologia positiva para a realização permanente.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

SELIGMAN, E.P.M. **Florescer: uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SELIGMAN, M. E P, Steen, T., Park, N., & Peterson, C. (2005). **Positive psychology progress: Empirical validation of interventions.** *American Psychologist,* 60 (5), 410-421.

SELIGMAN, M. E P. & SCHMIDT, **Stress and resilience in adolescence: An evolutionary perspective.** In K.Borman & B. Schneider (Eds.). **The adolescent years: Social influences and educational challenges.** Chicago: University of Chicago Press, 1998.

SELOSSE, J. (1997). **Adolescence, violences et déviances (1952 – 1995) (Sous la direction de: Jaques Pain et Loich – M.Villerbu).** Vigneux: Editions Matrice.

SCORSOLINI-COMIN, F., & SANTOS, M. A. dos (2010b). **Satisfação com a vida e satisfação diávida: Correlações entre construtos de bem-estar.** *Psico-USF,* 15(2), 249-256.

SCORSOLINI-COMIN, F. (2012). **Por uma nova compreensão do conceito de bem-estar: Martin Seligman e a psicologia positiva.** *Paidéia,* 22(53), 433-435.

SNYDER, C.R. & LOPEZ, S.J (2009). **Psicologia positiva: Um abordagem científica e prática das qualidades humanas.** Porto Alegre: Artmed.

SOUZA, L. K. de & Hutz, C. S. (2007). **A qualidade da amizade: adaptação e validação dos Questionários McGill.** *Aletheia,* 25, 82-96.

SUDBRACK, M. F. O. **Construindo redes sociais: metodologia de prevenção à drogadição e à marginalização de adolescentes de famílias de baixa renda.** *Coletâneas da ANPEPP,* 11 (2), 87–113, 1996.

SULLIVAN, Harry Stack. **The interpersonal Theory of Psychiatry.** Nova York: Norton, 1953.

SZYMANSKI, H. *et al.* **A família contemporânea em debate**, São Paulo: Cortez, 2000.
TIBA, I. **Anjos Caídos - como prevenir e eliminar as drogas na vida do Adolescente**. São Paulo: Gente, 2003.

TORVISCO, J. M. **Espacio personal y ecologia del pequeno grupo**. Em J. I. Aragonès & M. Américo (Orgs.). **Psicologia Ambiental**. Madrid: Pirâmide, 1998 (pp.548-726).

VINHA, T.P. **O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2000.

WILLIAMS, K.D. (2001). **Ostracism: The power of silence**. New York: Guilford Press.

WILSON, W. **Correlates of avowed happiness**. **Psychological Bulletin**, 67,294-306, 1967.

YUNES, M. A. (2003). **Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família**. *Psicologia em Estudo*, 8(spe),75-84.

ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. São Paulo: Record, 1996. 277 p.

ZAGURY, Tânia. **Educar sem culpa: a gênese da ética**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ZAGURY, Tânia. **Encurtando a adolescência**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ZAGURY, Tânia. **Adolescentes: quem ama, educa**. 37ª Ed. São Paulo: Editora Integrare, 2005.

ZAGURY, Tânia. **Limites sem Trauma- construindo cidadãos**. 80ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010

11. - ANEXOS

A



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

BR 465 - Km 7 - Seropédica - RJ - 23890-000 - (021) 3787-3741 - ppgea@ufrrj.br

Of. s/nº

Em: 15/09/2014

Do: Presidente da Banca Examinadora do Projeto de Pesquisa e de Avaliação da Candidata **SAIONARA ROSA DA CRUZ DE AZEVEDO** do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola

Ao: Sr. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA)

Prezado Coordenador,

A Banca Examinadora do Projeto de Pesquisa e de Avaliação da estudante **SAIONARA ROSA DA CRUZ DE AZEVEDO**, reunida no Anfiteatro do PPGEA, após a conclusão dos trabalhos e de acordo com o regulamento do Programa, considera atendidas as seguintes exigências:

- a) o projeto de pesquisa foi aprovado (SIM - () *COM RECOMENDAÇÃO,
- b) a estudante foi considerada apta a prosseguir suas atividades acadêmicas e de pesquisa junto ao Programa.

Atenciosamente

Prof. Dr. Silvia Maria Melo Gonçalves
(UFRRJ)

Prof. Dr. Ana Claudia de Azevedo Peroto
(UFRRJ)

Prof. Dr. Allan Rocha Damasceno
(UFRRJ)

*Em caso do(a) estudante ter sido aprovado(a) com recomendação, indicá-la no verso deste documento.

B

Bom Jesus do Itabapoana, RJ, 25 de outubro de 2014.

Memo nº 52/2014

De: Thais Romano de Vasconcelos e Almeida
Diretora de Pesquisa e Extensão - Campus Bom Jesus do Itabapoana

Para: Saionara Rosa da Cruz

Assunto: Deferimento a projeto de pesquisa

Prezada Servidora,

Em resposta à solicitação feita a esta Diretoria, vimos emitir parecer favorável à realização do projeto de pesquisa intitulado "Satisfação dos alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio nas relações interpessoais: contribuições da Psicologia Positiva".

Informamos que, no entanto, o Instituto Federal Fluminense – *campus* Bom Jesus do Itabapoana não dispõe de Comitê de Ética em Pesquisa para avaliar os questionários conforme previsto no projeto, levando à necessidade dos mesmos serem submetidos a outro fórum com essa competência.

Solicitamos que a experiência com o projeto seja compartilhada com a comunidade acadêmica na forma de palestra, oficina ou similar.

Atenciosamente,


Thais Romano de Vasconcelos e Almeida
Diretora de Pesquisa e Extensão
IFF Campus Bom Jesus
MAT 1746667

C



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA



Seropédica, _____ de 11 de 2014.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Solicito a V. Sr.ª a autorização para desenvolver o projeto de pesquisa Intitulado como " **Satisfação dos alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio nas relações interpessoais: contribuições da Psicologia Positiva**". Este trabalho tem como objetivo geral investigar a satisfação dos alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio quanto às relações interpessoais. Caracteriza como uma pesquisa qualitativa na medida em que busca a subjetividade nas respostas dos participantes, alcançando um "universo" maior de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, possibilitando um maior aprofundamento dos processos e fenômenos que foram estudados.

O referido projeto de pesquisa será realizado no **Instituto Federal Fluminense- Campus Bom Jesus do Itabapoana- RJ**, sob a orientação da **Professora Dr.ª Silvia Maria Melo Gonçalves**, titular do Departamento de Psicologia, do Instituto de Educação da UFRRJ.

Informo que o referido projeto será submetido à avaliação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Desde já, coloco-me à disposição para esclarecimentos de qualquer dúvida que possa surgir.

Antecipadamente agradeço à colaboração



Saionara Rosa da Cruz

Mestranda em Educação Agrícola- UFRRJ/PPGEA



Silvia Maria Melo Gonçalves

Orientadora da UFRRJ/PPGEA

SIAPÉ 1042457

D



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMISSÃO DE ÉTICA NA PESQUISA DA UFRRJ / COMEP

Protocolo N° 538/2014

PARECER

O Projeto de Pesquisa intitulado "*Satisfação dos Alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio nas relações interpessoais: Contribuições da Psicologia Positiva*" sob a responsabilidade da Profa. Silvia Maria Melo Gonçalves, do Departamento de Psicologia, Instituto de Educação, processo 23083.010816/2014-88, atende os princípios éticos e está de acordo com a Resolução 466/12 que regulamenta os procedimentos de pesquisa envolvendo seres humanos.

UFRRJ, 24/03/2015.

A handwritten signature in blue ink, reading 'Jairo Pinheiro da Silva'.

Prof. Dr. Jairo Pinheiro da Silva
Pró-Reitor Adjunto de Pesquisa e Pós-Graduação

Jairo Pinheiro da Silva
Pró-reitor Adjunto de
Pesquisa e Pós-Graduação
E-MAIL: jpi@ufrrj.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor Responsável,

Gostaria de solicitar autorização para realizar atividades de pesquisa vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA) vinculado à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro com o aluno (a) _____, regularmente matriculado (a) nos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal Fluminense – *campus* Bom Jesus do Itabapoana.

Este trabalho tem como objetivo geral investigar a satisfação dos alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio quanto às relações interpessoais. Caracteriza como uma pesquisa qualitativa na medida em que busca a subjetividade nas respostas dos participantes, alcançando um “universo” maior de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, possibilitando um maior aprofundamento dos processos e fenômenos que foram estudados.

Para o desenvolvimento da pesquisa serão implementadas estratégias de investigação, como levantamento de material bibliográfico e aplicação de questionários.

Todas as informações coletadas serão apresentadas apenas para fins acadêmicos e científicos da área, objetivando levantar dados que me permitam contribuir para melhoria da qualidade das relações interpessoais dos alunos e professores.

A pesquisa será realizada nas salas de aula, após o horário escolar. Será mantido total sigilo dos informantes, portanto não serão divulgados nomes em nenhuma circunstância durante o desenvolvimento ou publicação da pesquisa.

Gostaria também de esclarecer que será possível, a qualquer tempo, retirar o **consentimento**, sem qualquer prejuízo pessoal ou institucional e que não acarretará custos ao participante, bem como não haverá compensação financeira pela participação do sujeito.

Contatos para obter maiores informações sobre a pesquisa:

Pesquisadora responsável: Saionara Rosa da Cruz

E-mail: saionara@iff.edu.br

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sílvia Maria Melo Gonçalves- UFRRJ/PPGEA

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, abaixo-assinado, autorizo a realização da pesquisa com o menor: _____, e declaro que fui devidamente **informado** e **esclarecido** pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis benefícios decorrentes da mesma. Foi-me garantido que posso retirar meu **consentimento** a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Bom Jesus do Itabapoana, _____ de _____ de 2014.

Nome do responsável: _____ RG/CPF: _____

E-mail: _____ Telefone _____

Questionário aos alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal Fluminense - *campus* Bom Jesus do Itabapoana RJ

Caro aluno!

Este questionário tem como objetivo investigar a satisfação dos alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio com as relações interpessoais. Sua participação será muito importante para a realização dessa pesquisa. Será garantido sigilo absoluto. Os dados serão analisados e divulgados sem que sejam identificadas as pessoas pesquisadas.

Agradeço sua colaboração!

Saionara Rosa da Cruz

Pedagoga

Matrícula SIAPE 1542974

QUESTÕES

Idade: _____ Sexo: () Masculino () Feminino

Curso: _____ Série: _____ Turma: _____

1. Você tem amigos no *campus*?

2. Como você fez suas amizades no *campus*?

3. O que vocês costumam fazer no *campus*?

4. Vocês são amigos fora do *campus*? O que vocês fazem fora do *campus*?

5. Você está satisfeito com o relacionamento com seus amigos dentro do *campus*? Por quê?

6. Você e seus amigos brigam? Por quê?

7. Você acha que todos os alunos do *campus* têm amigos? Por quê?

8. Você percebe muitas brigas ou desentendimentos no *campus*? Explique sua resposta.

9. Você está satisfeito com o relacionamento com seus professores? Por quê?

10. Como é seu relacionamento com os servidores do *campus*?

11. Como você avalia o relacionamento entre os servidores dentro do *campus*? Por quê?

12. O que traz mais satisfação para você dentro do *campus*? Por quê?

13. De uma maneira geral, você acha que as relações interpessoais dentro do *campus* são boas?
Por quê?

14. Se você acha que precisa melhorar, que sugestões você aponta?

SATISFAÇÃO DOS ALUNOS DOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA POSITIVA

Saionara Rosa da Cruz ¹ & Dr.^a Sílvia Maria Melo Gonçalves ²

1. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola- PPGEA, e-mail: saionara_rosa@hotmail.com; 2. Departamento de Psicologia e PPGEA, Instituto de Educação, UFRRJ, e-mail: galviamm@gmail.com;

Palavras-chave: satisfação, relações interpessoais, indisciplina, repetência, Psicologia Positiva

RESUMO

As preocupações existentes no ensino técnico profissional agrícola com a finalidade de amenizar o distanciamento entre a teoria e a prática e entre as realidades da escola e as do mundo do trabalho vêm alcançando destaques entre os profissionais de ensino que atuam nas escolas técnicas agrícolas brasileiras. Contudo, essa problemática pode ser superada quando, no seu processo de formação, o aluno tem oportunidade de vivenciar, ainda na escola, os reais problemas que poderão ocorrer ao longo de sua vida. Mais do que nunca, o processo de aprender escapa dos muros da escola, para realizar-se nas inúmeras e variadas possibilidades de acesso ao conhecimento presente na prática social e produtiva. A escola precisa ser dinâmica, flexível e atraente. Precisa estar preparada para formar cidadãos criativos e críticos e que estejam dispostos a assumir desafios. Ser bem estruturada e precisa desempenhar funções que atendam às necessidades de seus alunos. E, além dessas características, o espaço escolar é palco e constrói algo muito valioso: as relações. Estas dão sentido ao espaço a partir do momento que se criam e se apresentam neste, das mais variadas maneiras. Diante do apresentado e percebendo que as relações interpessoais dos alunos andam desgastadas e podem estar contribuindo para aumentar os casos de insatisfação, repetência e indisciplina, busca-se, nesta pesquisa, investigar quais são as satisfações e como elas podem contribuir nas relações interpessoais dos alunos. A psicologia positiva volta-se para as emoções positivas, virtudes e forças pessoais, tornando-se uma ciência que se ocupa com as características individuais, com as instituições positivas, e com a experiência positiva dos seres humanos, priorizando seus aspectos funcionais. A emoção positiva não é importante apenas pela sensação agradável vivenciada, mas, principalmente, porque causa um relacionamento melhor com o mundo. Sendo assim, melhoram-se as relações de amizade, a saúde física, o amor e a realização pessoal, pois quando estamos felizes pensamos menos em nós mesmos e passamos a olhar o outro e partilharmos aquilo que temos de melhor. As emoções positivas são essenciais para a experiência da felicidade, pois, além de propiciarem vivências prazerosas quando estão presentes, também deixam um lastro para uma melhoria na qualidade de vida em momentos futuros. A capacidade de obter prazer com o que se faz, entre todas as virtudes que se possa aprender, nenhuma é mais importante do que transformar a adversidade em um desafio gerador de satisfação. Assim, o objetivo deste trabalho é investigar a satisfação dos alunos nas relações interpessoais do IFFluminense- Campus Bom Jesus. Este trabalho se caracteriza com uma pesquisa de abordagem qualitativa na medida em que busca a subjetividade nas respostas dos participantes, alcançando um "universo" maior de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, possibilitando um maior aprofundamento dos processos e fenômenos estudados. Participarão deste estudo 50 alunos das 2^{as} séries dos Cursos Técnicos Integrados; de ambos os sexos; faixa etária entre 15 e 17 anos, residentes de variadas localidades e municípios vizinhos ao campus. Como instrumento, será utilizado um questionário com perguntas abertas. As respostas dos questionários serão agrupadas e classificadas de acordo com a análise de conteúdo na perspectiva de Bardin, em frequências simples categorizadas e percentuais. A realização desta pesquisa é de extrema importância, sendo relevante na medida que será apresentado sugestões para melhorar a satisfação dos alunos nas relações interpessoais com os professores e alunos bem como com a vida escolar dentro do Campus, propiciando assim um ambiente agradável de estudo.

Agência Financiadora: UFRRJ- PPGEA e IFF.



Imagem extraída do site do Pavilhão Central da UFRRJ




A Ética na Pesquisa

Certificado

Este documento certifica que **Saionara Rosa da Cruz & Sílvia Maria Melo Gonçalves** participaram do IX Fórum da Pós-Graduação na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, de 07 a 09 de outubro de 2014, tendo apresentado o trabalho **"SATISFAÇÃO DOS ALUNOS DOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA POSITIVA"**, sob a forma de painel.

Seropédica, 9 de outubro de 2014



Comissão Organizadora
Representação Estudantil



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação



SATISFAÇÃO DOS ALUNOS DOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA POSITIVA

Saionara Rosa da Cruz¹ & Sílvia Maria Melo Gonçalves²

1. *Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola- PPGEA, e-mail: saionara_rose@hotmail.com*; 2. *Departamento de Psicologia, Instituto de Educação, UFRRJ, e-mail: silviamm@gmail.com*

Palavras-chave: satisfação, relações interpessoais, psicologia positiva, evasão, emoções positivas

RESUMO

As preocupações existentes no ensino técnico profissional agrícola com a finalidade de amenizar o distanciamento entre a teoria e a prática e entre as realidades da escola e as do mundo do trabalho vêm alcançando destaques entre os profissionais de ensino que atuam nas escolas técnicas agrícolas brasileiras. Mais do que nunca, o processo de aprender escapa dos muros da escola para se realizar nas inúmeras e variadas possibilidades de acesso ao conhecimento presente na prática social e produtiva. A escola precisa ser dinâmica, flexível e atraente. Precisa estar preparada para formar cidadãos criativos e críticos e que estejam dispostos a assumir desafios; precisa, ainda, ser bem estruturada e desempenhar funções que atendam às necessidades de seus alunos. E além dessas características, o espaço escolar é palco e constrói algo muito valioso: as relações interpessoais. Estas dão sentido ao espaço a partir do momento que se criam e se apresentam neste, das mais variadas maneiras. Assim, busca-se, nesta pesquisa, investigar autorrelatos dos alunos em relação às suas satisfações na escola, incluindo as relações interpessoais, visando diminuir os casos de insatisfação, repetência, indisciplina e evasão. A Psicologia Positiva volta-se para as emoções positivas, virtudes e forças pessoais, tornando-se uma ciência que se ocupa com as características individuais, com as instituições positivas, e com a experiência positiva dos seres humanos, priorizando seus aspectos funcionais. A emoção positiva não é importante apenas pela sensação agradável que nos causa, mas principalmente porque causa um relacionamento melhor com o mundo. Sendo assim, melhoram-se as relações de amizade, a saúde física, o amor e a realização pessoal, pois quando estamos felizes pensamos menos em nós mesmos e passamos a olhar o outro e partilharmos aquilo que temos de melhor. Desta forma, o objetivo deste trabalho é investigar a satisfação dos alunos na escola, a partir das contribuições a Psicologia Positiva. Este trabalho se caracteriza com uma pesquisa de abordagem qualitativa na medida em que busca a subjetividade nas respostas dos participantes, alcançando um "universo" maior de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, possibilitando um maior aprofundamento dos processos e fenômenos estudados. A metodologia deste trabalho contou com 60 alunos participantes, de ambos os sexos, faixa etária entre 15 e 18 anos, das 2ª e 3ª séries dos Cursos Técnicos Integrados, residentes de localidades próximas e municípios vizinhos. O instrumento utilizado foi um questionário com perguntas abertas, que estão sendo tabuladas, agrupadas e classificadas de acordo com a análise de conteúdo, em frequências simples e percentuais. A aplicação dos questionários foi feita individualmente. Todos os participantes aceitaram participar da pesquisa, tendo sido garantido anonimato e sigilo absoluto. Foram resguardados todos os princípios éticos de pesquisa com seres humanos e o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFRRJ. Os participantes também concordaram com a apresentação dos resultados em evento científico e posterior divulgação em revista científica. A realização desta pesquisa é relevante na medida em que serão apresentadas sugestões para melhorar a satisfação dos alunos na escola, incluindo as relações interpessoais com professores e alunos, bem como com a vida escolar dentro do câmpus, visando propiciar, assim, um ambiente agradável de estudo, um lugar de conhecimento construtivo, que aguce a curiosidade e premie com novas descobertas.

Agência Financiadora: UFRRJ- PPGEA e IFF.

CERTIFICADO

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Este documento certifica que **Saionara Rosa da Cruz & Sílvia Maria Melo Gonçalves** participaram do X Fórum da Pós-Graduação na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, de 08 a 11 de setembro de 2015, tendo apresentado o trabalho "**Satisfação dos Alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio nas Relações Interpessoais: Contribuições da Psicologia Positiva**", sob a forma de apresentação oral.

Seropédica, 11 de setembro de 2015


Prof. Roberto Costa Leles
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação


Prof. Cristiane Martins Cardoso de Salles
Coordenadora Geral do Fórum da Pós-Graduação - UFRRJ



X FÓRUM
Pós-Graduação
DA UFRRJ

"Brasil, Pátria Educadora:
Avanços e Desafios"